

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

LIANEIDE DE OLIVEIRA BROGNI

WELCOME TO MY WORLD: O ROCK É QUENTE, MAS A GUERRA É FRIA!  
ENSINANDO HISTÓRIA DA GUERRA FRIA NOS ANOS 50, ATRAVÉS DA  
CULTURA DO ROCK

PORTO ALEGRE  
2020  
**Lianeide de Oliveira Brogni**

**WELCOME TO MY WORLD: O ROCK É QUENTE, MAS A GUERRA É FRIA!**  
ENSINANDO HISTÓRIA DA GUERRA FRIA NOS ANOS 50, ATRAVÉS DA  
CULTURA DO ROCK

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História no Mestrado Profissional em Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

PORTO ALEGRE  
2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Brogni, Lianeide de Oliveira

Welcome to my world: o Rock é quente, mas a guerra é fria! Ensinando a História da Guerra Fria nos anos 50 através da cultura do ROCK / Lianeide de Oliveira Brogni. -- 2020.

78 f.

Orientador: Arthur Lima de Ávila.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. História do Rock. 2. anos 50. 3. Ensino de História. 4. Guerra Fria. 5. racismo. I. de Ávila, Arthur Lima, orient. II. Título.



Lianeide de Oliveira Brogni

**WELCOME TO MY WORLD: O ROCK É QUENTE, MAS A GUERRA É FRIA!**  
ENSINANDO HISTÓRIA DA GUERRA FRIA NOS ANOS 50, ATRAVÉS DA  
CULTURA DO ROCK

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História no Mestrado Profissional em Ensino de História do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 02 de dezembro de 2020

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Arthur Lima de Avila  
Departamento de História  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Nilton Mullet Pereira  
Departamento de Ensino de História  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Caroline Pacievitch  
Departamento de Ensino de História  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Fábio Franzini  
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo, USP

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em Memória de minha mãe

## AGRADECIMENTOS

Uma caminhada nunca é feita por uma pessoa sozinha, mas por muitas pessoas mais, que nos dão a mão para conseguirmos chegar ao destino final. A chegada à etapa final desta caminhada, tão sonhada por muitos anos e, por vezes, tão inalcançável, merece alguns agradecimentos especiais.

Em primeiro lugar, agradeço às forças do Universo que me moveram e me sustentaram nessa caminhada permeada por percalços que pareciam intransponíveis. Em especial aos meus Orixás, que nunca me abandonaram: minha mãe Oxum Gama e meu pai Xapanã Jubetef, meus guias, que me forneceram a força espiritual necessária nesses tempos de crise.

Tomada de um sentimento de vitória por ter conseguido chegar até aqui, agradeço infinitamente à minha amada mãe, falecida infelizmente em meio a essa caminhada.

Ela que, como tantas mulheres de sua geração, não tiveram as mesmas oportunidades de estudar como eu tive, e que, sempre, desde criança, me ensinou que os estudos deveriam estar sempre em primeiro lugar em minha vida.

Ela que não queria que a ajudasse nas tarefas domésticas, pois eu deveria ir “fazer meus temas” para não precisar depender financeiramente de um homem, como ela.

Ela que admirava a profissão de professora e tinha orgulho de ter uma filha professora.

Ela que, muitas vezes, me buscou na parada de ônibus, quando moramos em Gravataí, quando eu retornava da Faculdade à noite.

Ela que, quando sua mente já estava atrofiada pela ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), me perguntava o que era mesmo que eu estava estudando ainda (em 2018 e 2019) e quando eu respondia que era o Mestrado, ela me olhava e perguntava se era “aquilo que eu queria pra dar aula em Faculdade”. Quando eu respondia que sim, me olhava com aqueles olhos verdes que nunca me esquecerei e respondia:” que bom, filha! Tu vais ganhar mais dinheiro!”

Com muito pesar que concluo esta etapa sem a presença dela materialmente na minha vida, mas guardada com muito orgulho no meu coração.

Gratidão infinita a todos os esforços de minha mãe pra que eu chegasse até aqui, e a toda linhagem feminina antes dela que me deram a vida. Essa conquista

que também é dedicada a elas: todas as Souza, Oliveira e Mittimann.

Agradeço imensamente à Vanessa Baptista, que acompanhou de perto o início desse Projeto, e que me incentivou no momento de luto, em que quase desisti do curso. Se não fosse por este apoio moral nas crises de choro e a força na revisão textual eu não teria conseguido!

MUITO OBRIGADA! Levarei isso para sempre em meu coração com o desejo que um dia o Universo lhe retribua em dobro todo esse carinho!

Agradeço às minhas queridas Aurélia Viana e Andreia Santos da Costa pelo incentivo, pela amizade nesse momento difícil, pelo apoio moral e pelo trabalho de revisão textual. Sem vocês, a vida seria menos colorida!

Agradeço especialmente ao Professor Nilton Pereira, que além de ser uma referência profissional na UFRGS desde meus tempos de pós Graduação, mostrou-se um ser HUMANO com a capacidade de solidariedade na ocasião do diagnóstico da doença de minha mãe e na recondução desse Projeto para o viés do racismo. O senhor sabe verdadeiramente o que significa as Ciências Humanas na prática e não apenas na teoria! Levarei esse ensinamento para a vida! Que o Universo possa lhe retribuir tudo o que o senhor fez por mim!

Agradeço também às escolas envolvidas nas oficinas e aos profissionais que me abriram as portas e aos poucos que valorizaram meu Projeto.

Agradeço aos alunos envolvidos nas oficinas pela participação e pelos resultados.

Agradeço por último, e não menos importante à equipe do ProfHistória e ao meu Orientador pela oportunidade e pela paciência com o meu momento de luto e todas as consequências disso pois, souberam entender que, apesar dos prazos e burocracias, não somos máquinas e “Temos nosso próprio tempo”.

Por fim, dedico este trabalho a todos os meus colegas da turma do ProfHistória 2018 e aos que virão por acreditarem na sua profissão e colaborarem de alguma forma para a transformação do mundo em que vivemos.



## RESUMO

O objetivo do trabalho é verificar a possibilidade de funcionamento e utilização da cultura do rock in roll da década de 50 como link para o entendimento da expressão das culturas juvenis da época, durante eventos políticos, sociais e econômicos de grande relevância, na constituição histórica, que alimenta a atualidade. A atividade principal para a análise será a construção de uma oficina onde os alunos, após a aula expositiva sobre a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, terão contato com artigos de uso pessoal da professora, sempre vinculados ao período da década de 50. Após esse momento, um questionário será desenvolvido para verificar a percepção dos alunos. Paralelamente a todo o processo, os termos presentismo e empatia histórica serão os norteadores no decurso dessa prática. Para a finalização e análise do resultado, será avaliado um questionário, correlacionado com as idades, gêneros dos(as) estudantes e localização das escolas, através de análise de regressão linear; além disso, também será observado a possibilidade de associação dos alunos entre o processo de culturalização do rock nos anos 50 com o funk na atualidade. Com isso, o elemento a ser destacado é o apagamento das origens negras do Rock.

**Palavras-chave:** presentismo, Rock, racismo, empatia histórica, juventude

**ABSTRACT**  
**TEACHING HISTORY OF THE COLD WAR IN THE 50' THROUGH ROCK**  
**CULTURE**

WELCOME TO MY WORLD: THE ROCK IS WAR; BUT THE WAR IS COLD!

The objective of this work is to verify the possibility of operating and using the rock 'n roll culture of the 1950's as a link to the understanding of the expression of the youths' cultures of that period, during political, social and economic events of great importance in the historical constitution, which feed the current moment. The main activity for the analysis will be the construction of a workshop where students, after the exhibition class on World War II and Cold War, will have contact with articles of the teacher's personal use, always linked to the period of the 50. After that time, a questionnaire will be developed to verify students' perception. In parallel with this whole process, the terms presentism and historical empathy will be the guiding principles throughout the course of this practice. For the completion and analysis of the result, a questionnaire will be evaluated, correlated with the ages and gender of the students, as well as the location of the schools, through linear regression analysis. Moreover, the possibility of association by the students between the process of rock culturalization in the 50's with the Brazilian funk in the present day will also be observed. With this, the element to be highlighted is the erasure of the black origins of Rock.

**Keywords:** presentism; rock; racism, historical empathy, youth

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Little Richard em uma performance no piano.....	36
Figura 2: Bill Halley tocando seu violão em uma apresentação.....	37
Figura 1: Elvis Presley com sua performance no início da carreira.....	38
Figura 4: Little Richard com capa de franjas.....	39
Figura 1: Elvis Presley aparece de capa após Little Richard.....	40
Figura 1: Little Richard em uma típica performance ao piano.....	41
Figura 1: Elvis Presley também ao piano.....	42
Figura 1: Rosetta Tharppe.....	43
Figura 1: Mapa de Localização e Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Aires de Almeida.....	49
Figura 1: Mapa de Localização e Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart.....	50
Figura 1: Fotos da Oficina na EMEF Antonio Aires de Almeida.....	53
Figura 1: Fotos da Oficina na EMEF João Goulart.....	53

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico que representa os estilos mais escutados pelos diferentes anos.	58
Gráfico 1: Gráfico que representa os estilos mais escutados pelos diferentes anos.	59
Gráfico 1: Gráfico que representa a possibilidade de verificar semelhanças entre rock e o funk pelas as turmas analisadas.....	60
Gráfico 1: Gráfico que representa a possibilidade de associação pelos alunos das diferentes turmas, das juventudes dos anos 50 e atual.....	61

## ANEXOS

Anexo 1: Questionário.....	69
Anexo 2:.....	70
Anexo 3: Questionários respondidos.....	71
Anexo 4: Tabela de análise de dados.....	74
Anexo 5: Playlist.....	75

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: “WELCOME TO MY WORLD”</b> .....	<b>13</b>
<b>1. CONCEPÇÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>18</b>
1.1. “LONG TALL SALLY”: PRESENTISMO.....	18
1.2. “KEEP A-KNOCKIN”: EMPATIA HISTÓRICA.....	21
1.3. “SHE’S SOMETHING ELSE”: ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA.....	23
1.4. “THATS ALL RIGHT MAMA”: JUVENTUDE, CULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	26
1.4.1. “ <i>Dancin’ to the Jailhouse Rock</i> ”: Os jovens nos anos 50.....	29
<b>2. “WOODEN HEART”: A GUERRA FRIA NO ÂMBITO CULTURAL NA DÉCADA DE 50</b> .....	<b>33</b>
2.1. “IN THE GUETO”: O APAGAMENTO DAS ORIGENS NEGRAS DO ROCK. .	35
2.2. “A-WOP-BOP-A-LOO-BOP-A-WOP-BAM-BOOM”: LITTLE RICHARD X ELVIS PRESLEY.....	39
2.3. “É SOM DE PRETO, DE FAVELADO...”: O ROCK DO INÍCIO DOS ANOS 50 NOS EUA E O FUNK BRASILEIRO ATUAL.....	45
<b>3. “DESDE MENOR, A MINHA ESCOLA É MINHA FAVELA ...”: ESPAÇO FORMAL DE APRENDIZAGEM: A ESCOLA</b> .....	<b>48</b>
<b>4. “I DID MY WAY...”: PROCESSO METODOLÓGICO PARA OBTENÇÃO DO PRODUTO</b> .....	<b>52</b>
<b>5. “LUCILLE”: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>56</b>
5.1. “AMAZING GRACE”: RESULTADOS.....	56
5.2. “THE GIRL CAN’T HELP IT ...”: DISCUSSÃO.....	61
<b>6. “Thats All”: Considerações Finais</b> .....	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>69</b>

## **INTRODUÇÃO: “WELCOME TO MY WORLD”**

Este trabalho tem o objetivo de utilizar a cultura do Rock durante as aulas de História, no que se refere ao período de disputa cultural no decorrer da Guerra Fria, na década de 50, como forma de expressão das culturas juvenis nesse período; bem como de posicionamento aos modelos capitalistas, representados pelos EUA, e de socialistas, representado pela URSS. Para tanto, os conceitos de presentismo, empatia histórica e culturas juvenis perpassam este trabalho.

A Guerra Fria foi um movimento iniciado logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, onde a polaridade entre a cultura de consumo capitalista, representada pelo seu maior ícone, os Estados Unidos, estava em oposição aos países socialistas, representados pela URSS. Havia uma Guerra de valores, de ideais, de corrida armamentista e de disputa econômica.

A sociedade americana, nesse período, ainda vivia sobre o prisma da segregação racial, estabelecida desde o fim do século XIX. Na música, o reflexo dessa discriminação ocorria através da segregação de espaços e da mídia, como no caso de vários ícones da música (negros) que surgiram antes de Elvis Presley e não puderam obter o “selo” de Rei/Rainha porque a sociedade não os aceitava.

O Rock e sua cultura emergiram na década de 50 nesse contexto de Guerra Fria e Segregação Racial. Portanto, o Rock serviu de subsídio para essa disputa entre capitalismo e comunismo e também como alvo de preconceito racial.

As correntes teóricas que perpassam este projeto são: a Empatia Histórica, as culturas juvenis e o Presentismo.

O conceito de empatia histórica é diferente do conceito de empatia em si, definido no dicionário Houaiss como “capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, [...], etc”. (HOUAISS,2009,p.72)

A empatia histórica baseia-se na compreensão do outro a partir dos contextos, das contingências e a partir do que a realidade do outro poderia possibilitar; ou seja, não apenas aplicar um conceito atual no passado.

No que se refere ao conceito de presentismo:

O presentismo é uma teoria baseada na ideia de que “o passado é constantemente fabricado para o presente, sobretudo por meio de imagens, filmes, séries, jogos e encenações, e a história disciplina não sabe o que dizer, pois sua autoridade sobre o passado foi

superada” (HARTOG, 2012, p.276)

Através dessa corrente teórica é defendido que o presente virou um fim em si mesmo, ou seja, as pessoas não tentariam aprender com o passado ou com o futuro hipotético. Os fatos que desencadeiam a atualidade, no Brasil e no Mundo, com o avanço da extrema direita e o recrudescimento de forças, polarizando posicionamentos políticos e retrocessos nos avanços das conquistas de direitos sociais, remetem-nos a este conceito. A empatia histórica auxilia no posicionamento dos jovens em relação ao conteúdo da Guerra Fria. Por fim, as culturas juvenis servem como pano de fundo, do Brasil atual, num contraponto com esse passado histórico recente.

Estamos em constante mudança e a utilização de expressões artísticas como facilitadoras do ensino faz com que não sejamos apenas educadores cuja finalidade seja repetir fatos e datas, tornando o ensino uma mera repetição. Ao trabalharmos o período da Guerra Fria, o Rock pode ser usado como uma didática facilitadora, para compreensão dos fatos e comportamentos, aproximando os alunos atuais aos acontecimentos pregressos, traçando um paralelo entre ambos os tempos.

Neste trabalho vamos analisar o surgimento do Rock and Roll nos Estados Unidos, durante a década de 50, para contextualizar a Guerra Fria, estabelecida a partir de então. Diante disso, a questão de destaque aborda as origens negras do Rock e seu apagamento, através da figura icônica de Elvis Presley, contrapondo-se a figura de Little Richard, artista negro da época, no qual Elvis se inspirou e, por vezes, pode-se dizer: “imitou”.

Em meio a esse contexto, o Rock também se torna um objeto de cisão social, pois sua forma de manifestação corporal não agradava os pais conservadores da época, que o consideravam muito obsceno. Além disso, o Rock neste cenário inicial, da década de 50, era visto como “música de negros”. Este fato nos leva à vincular o que ocorreu com o Funk brasileiro, desde o seu surgimento no Rio de Janeiro.

Além disso, também é importante salientar que a década de 50 foi a primeira vez na História que os jovens têm tempo de lazer e começam a absorver a cultura do Rock através do consumo de discos de vinil, jaquetas de couro (ícone de rebeldia), ingressos de cinema, passam a frequentar lanchonetes (advindas dessa época) e a comprar motocicletas. Diante disso, o Capitalismo absorve esse nicho de



mercado e o Rock vai se transformando e perdendo sua característica original de rebeldia.

O preconceito com o estilo musical Rock, conforme a entrevista de Dante Mantovani<sup>1</sup>, em dezembro de 2019, fica evidente. O então presidente da FUNARTE, afirmou que este estilo musical leva ao satanismo e ao aborto; traz à luz o que o presentismo procura explicar: um tema de debate há, aproximadamente, 70 anos que retorna à tona, em meio a uma sociedade polarizada por valores extremistas de esquerda e direita. Nesse viés, a tentativa de demonizar um estilo de música, que foi o precursor da mudança de mentalidade dos jovens nos anos 50, é uma forma de exercer dominação cultural e de provar o quanto essa pesquisa é importante atualmente.

Além disso, a produção de seriados que abordam a questão racial nos Estados Unidos (ligada ao Rock, no que se refere ao branqueamento de suas origens) também denotam uma necessidade implícita de mostrar este outro lado da história. Um grande exemplo disso é a minissérie “Hollywood”<sup>2</sup>, situada no fim dos anos 40, constrói uma narrativa baseada na hipótese de como seria se as minorias da sociedade daquela época, como negros, mulheres e homossexuais, tivessem chance de se colocar em postos de trabalho de destaque, principalmente na indústria cinematográfica de Hollywood, onde, até hoje, persiste o padrão hegemônico branco, machista e heterossexual.

Por fim, o limite temporal deste trabalho se encontra na década de 50, no contexto da Guerra Fria nos Estados Unidos, país onde surgiu o Rock. A partir deste contexto, analiso as relações raciais, na época, e a influência que as mesmas tiveram, até mesmo na definição dos ícones da juventude pela mídia. A partir dessa perspectiva, alguns conceitos importantes puderam ser trabalhados nas aulas propostas: comunismo e capitalismo; racismo, indústria cultural e a segregação racial.

Para apreciar a dissertação com maior deleite, foi preparada uma playlist com músicas cujos nomes estão denominados nos capítulos a seguir.<sup>3</sup> A lista com os

---

<sup>1</sup>G1, Dante Mantovani novo presidente da FUNARTE é maestro, e disse que rock leva ao aborto e ao satanismo. **Portal de notícias online Globo**. 02.12.2019, 15h37. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/12/02/dante-mantovani-novo-presidente-da-funarte-e-maestro-e-disse-que-rock-leva-ao-aborto-e-ao-satanismo.ghtml>. Acessado em 29 de janeiro de 2021 às 11:18:00.

<sup>2</sup> Minissérie americana de drama criada por Ryan Murphy e Ian Brennan lançada na plataforma de streaming Netflix em maio de 2020.

<sup>3</sup> Para isso, basta acessar a playlist disponível em no canal Lia Brogni sob o título “Dissertação.

nomes das músicas e o link também encontram-se no final do trabalho, no anexo número 5.

Alguns títulos vem ao encontro do que se refere ao capítulo, outros fazem sentido de acordo com o ponto de vista da autora. Como é o caso do nome da música: “Welcome to My World” para introduzir esta dissertação referindo-se à canção de Elvis Presley cuja tradução significa “Bem vindo ao meu mundo”. “Long Tall Sally” nomeia o capítulo do Presentismo, pois refere-se à diversão imediata, o que combina com essa teoria. A terceira música “Keep a Knocking” refere-se à insistência para tentar novamente bater aquela porta, cuja letra introduz o capítulo de Empatia Histórica. Em contrapartida, a música “She's Something Else” de Eddie Cochran foi uma escolha aleatória.

“Rip It Up” se refere ao imediato, à diversão, à juventude. “Thats All Right Mama”: canção cujo título nomeia o capítulo “Juventude, cultura e ensino de história”, em tradução livre, significa “Tudo bem, mamãe”. Elvis Presley era um ícone do Rock, mas muito ligado à sua mãe. Toda a relação de rompimento da juventude com seus pais vem de encontro com essa música, por isso sua escolha foi especialmente para este capítulo.

A canção “Dancin' to the Jailhouse Rock” é a que nomeia o capítulo “Os jovens nos anos 50”. Esta música também de Elvis Presley refere-se à um filme que foi traduzido no Brasil para “Prisioneiro do Rock”. A escolha desta canção tem relação com esta ligação dos jovens com o Rock na década de 50.

A música que nomeia o capítulo dois: ““Wooden Heart”: a guerra fria no âmbito cultural na década de 50” foi escolhida pois Elvis a canta em uma versão em parte, em alemão. Ela foi gravada para o filme “G. I. Blues” que foi traduzido para o Brasil como “Saudades de um Pracinha” remetendo à fase em que Elvis serviu no exército americano. “In The Gueto”: é a música que dá título ao capítulo “O Apagamento Das Origens Negras Do Rock”, e se refere aos guetos afro-americanos que eram alvo de preconceito e marginalização na sociedade.

A música, cujo título é “A-Wop-Bop-A-Loo-Bop-A-Wop-Bam-Boom”, foi uma expressão criada por Little Richard, considerado o furacão do Rock'n'Roll. Essa canção nomeia o capítulo.

O capítulo “O Rock Do Início Dos Anos 50 Nos EUA E O Funk Brasileiro

Atual,” é intitulado pela música “É SOM DE PRETO, DE FAVELADO...”: do DJ Marlboro, cuja letra refere-se ao preconceito da sociedade em relação ao Funk: “É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado.”

No terceiro capítulo, a música: “Escola Proibida” cujo trecho aponta: “DESDE MENOR, A MINHA ESCOLA É MINHA FAVELA ...”: introduz o texto que explica o “ESPAÇO FORMAL DE APRENDIZAGEM: A ESCOLA”. Esta música é de MC TH onde ele explica que a favela é que lhe ensina.

A música “I DID MY WAY...” cuja tradução é “Eu fiz do meu jeito” é o que a autora quis introduzir exatamente no quarto capítulo ao abordar o processo metodológico para obtenção do produto.

“Lucille” foi utilizada como ironia, já uma das frases mais emblemáticas da música diz: “satisfaça meu coração”, se referindo a satisfação que a autora gostaria de passar aos leitores da pesquisa.

A canção “Amazing Grace” foi posta nos “Resultados” de maneira irônica, visto que foi atingida a “maravilhosa graça” ao fim do trabalho. The Girl Can't Help It”: foi utilizada no capítulo que aborda a “Discussão” numa alegoria que “a garota não pode ajudá-lo”, pois o trabalho da escrita é muito solitário e ninguém poderia ajudar a autora. A música da Rainha do Rock “Thats All”: cuja tradução é “isto é tudo”, introduz o capítulo das Considerações Finais.

## 1. CONCEPÇÕES TEÓRICAS

### 1.1. “LONG TALL SALLY”: PRESENTISMO

As polêmicas presentes no Brasil, devido ao atual cenário político, trazem à tona as discussões acerca do conceito sobre presentismo, segundo o qual, o historiador só consegue observar o passado parcialmente, pois está olhando com os olhos do presente, a partir daquilo que vivenciou.

Um exemplo disso é a popularização do termo “fascismo” – vocábulo mais procurado na plataforma de busca Google, segundo a Revista Piauí (outubro de 2018) <sup>4</sup>. A reportagem denota a polarização entre esquerda e direita, referindo-se à atual política brasileira, em que movimentos voltados ao ideário, sobretudo social, são “demonizados”, sendo negadas todas as suas conquistas em nome de “um bem maior” como a economia, a família, a religião. O que era antes necessário e fundamental para a sociedade é apagado por uma nova perspectiva do presente.

O Presentismo é definido por Pereira & Araújo (2016), a partir de Hartog (2012),

[...] como uma experiência do tempo em que o presente se impõe como o único horizonte. Viveríamos em um mundo da tirania do presente onipotente, onipresente e hipertrofiado: ‘presente único: este da tirania do instante e do marasmo de um presente perpétuo’. (HARTOG, 2012, p. 6. Cf; também, PEREIRA, MATA, 2013 apud PEREIRA & ARAÚJO, 2016, p. 275).

Nessa direção, Ramalho (2014) aponta:

Essa ideia foi formada ao longo do século XX, quando o ideal do progresso e a certeza de um futuro melhor foram abertamente questionados e amplamente debatidos, após o mal-estar gerado pelas guerras mundiais (HARTOG 2013, p. 140 apud RAMALHO, 2014, p.151).

Desse modo, num cenário de movimentos contrários à condução política de 1968, em que a sociedade, no sentido global, tornava-se consumista, sem esperança de uma mudança estrutural no sistema, culminou em um apagamento da memória de uma coletividade pautada por ideais socialistas, passando a não ter uma referência atual desse ideal, posteriormente a queda do muro de Berlim, então

<sup>4</sup>RAMOS, Marcella. Buscas por “fascismo” batem recorde no Google. **Plataforma digital da Revista Piauí**. 15 de outubro de 2018, às 22:17:00. Disponível em:<https://piaui.folha.uol.com.br/buscas-por-fascismo-batem-recorde-no-google/>. Acessado em 29 de janeiro de 2021, às 11:26:00.

símbolo do socialismo. Ou seja, ao passo que o presentismo representa olhar para o passado com base na vivência do presente, não é possível ter dimensão real do que foi vivido no passado (RAMALHO, 2014).

*Logo:*

Essa estrutura de experiência temporal é altamente problemática, pois não consegue assimilar a ‘perda’ como algo inerente do processo histórico: o presentismo identifica a perda como um apagamento de si, algo que só faz sentido a partir da sua busca em se tornar o ponto de vista absoluto do tempo (RAMALHO, 2014, p. 151-152).

Assim, podemos afirmar conforme apontado por Pereira (2011, p.276), “que o fio condutor da ideia de presentismo é a característica de uma historicização imediata”, ou seja, só é considerado História aquilo que é compreendido a partir do ponto de vista do presente.

#### 1.1.1. “Rip It Up”: A influência do presentismo na disciplina de História

Alguns aspectos observados, durante a finalização desta pesquisa, comprovam, por si só, a influência do presentismo na disciplina de História. Na verdade, os últimos acontecimentos, ocorridos nesse primeiro semestre de 2020, contribuíram bastante para a afirmação da necessidade de um trabalho como este na escola. São eles: a alusão ao fascismo em uma live presidencial<sup>5</sup>; o aumento da perseguição aos movimentos negros, feministas e LGBTQIA+<sup>6</sup>. Ou seja, fatos e preconceitos do passado que pareciam superados pela sociedade contemporânea se repetindo em nosso presente.

Assim, justifica-se a importância em desenvolver conceitos que abordam situações que ainda vivenciamos e não estão esquecidas ou que, infelizmente, não fazem parte apenas do nosso passado, conforme podemos ver em situações como o assassinato de George Floyd<sup>7</sup>, nos EUA, em maio de 2020 – homem negro morto

<sup>5</sup> Notícia Preta. Durante Live Bolsonaro toma copo de leite, símbolo nazista de supremacia racial. 30 de maio de 2020. **Plataforma digital Notícia Preta.** Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/durante-live-bolsonaro-toma-copo-de-leite-simbolo-nazista-de-supremacia-racial/>. Acessado em 29 de janeiro de 2021

<sup>6</sup> ACCARINI, Andre; MUNIZ, Marize (ed). Decreto de segurança de Bolsonaro vai espionar opositores e movimentos sociais. **Plataforma digital CUT.** 26 de outubro de 2020 às 16:23:00 Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/decreto-de-seguranca-de-bolsonaro-vai-espionar-opositores-e-movimentos-sociais-dd37>. Acessado em 29 de janeiro de 2021

<sup>7</sup> BBC. Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. **Portal de notícias online Globo.** 27 de maio de 2020 às 09:44:00. Disponível em: [Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA | Mundo | G1 \(globo.com\)](https://www.globo.com/mundo/noticia/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua-mundo-g1). Acessado em 29 de janeiro de 2021.

diante das câmeras, onde ficou registrado seu pedido de socorro “não consigo respirar!” –, emergindo o movimento Black Lives Matter; e, nesse mesmo período, no Brasil, o assassinato de João Pedro<sup>8</sup> – menino negro, baleado dentro de casa, durante operação policial no Rio de Janeiro –, mobilizando a sociedade brasileira contrária ao abuso de poder e à intolerância racial.

Tais violências explicam o recrudescimento de conceitos como nazismo, neonazismo, extrema direita, esquerda, direitos sociais e etc. Enfim, são inúmeros casos, no nosso dia a dia, que mostram o quão latente é a necessidade de semear nos alunos a semente da consciência crítica.

No Brasil, o mito da democracia racial ainda tenta convencer os brasileiros de que vivemos em paz com as três raças, no entanto, na prática, prova-se o contrário, apesar de tantas leis e tantas políticas públicas de combate ao racismo em nosso país. Conforme registrado em notícias atuais, negros continuam sendo mortos em consequência da cor de sua pele.

Nosso racismo é o mais difícil de combater, pois é implícito, ou seja, aquele que está nas piadas e nas nuances do discurso. E quando temos um Chefe de Estado, eleito democraticamente, fazendo apologia ao nazismo, precisamos explicar a gravidade e as possíveis consequências disso para nossos alunos.

Braidotti (2015) alerta sobre o risco que a disciplina de História corre com o advento do presentismo; de acordo com esse autor:

Nesse sentido, a história como disciplina é posta em risco. Ainda assim, alguns autores defendem que há oportunidades neste cenário, uma vez que o que está em questão, mesmo sob o capitalismo contemporâneo, são o eurocentrismo, o machismo e o antropocentrismo (PEREIRA & ARAÚJO 2016, p. 274 apud BRAIDOTTI, 2015).

Esta visão se dá a partir do momento em que o presente é muito valorizado e, em virtude disso, o passado pode não ter o sentido de mestre ou de exemplo como outrora. Dessa forma, a História começa a perder a sua finalidade primordial.

Em outras palavras, se no campo macropolítico o presentismo é ‘conservador’, uma vez que não há perspectivas de mudanças do modelo liberal democrático, no âmbito das microrrelações sociais ele é marcadamente ‘revolucionário’, dado a volatilidade que lhe é intrínseca (RAMALHO, 2014, p.152).

---

<sup>8</sup> G1 Rio. O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro. 20 de maio de 2020 às 15:45:00, Rio de Janeiro. Plataforma de notícias online **Globo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>. Acessado em 29 de janeiro de 2021.

Contudo, perpassa, nesse ínterin, o debate acerca das diferenças de presentismo e Jornalismo, visto que a sociedade atual baseia-se na busca incessante do consumo de notícias instantâneas. Conforme Antunes:

A atualidade produzida no e pelos textos jornalísticos (doravante, do discurso da informação na mídia em geral) passa a ser o leito dessa crença coletiva na existência de uma temporalidade social sincrônica. 'Esta coexistência temporal dos itens em um mesmo suporte de informação é que se chama a atualidade. Vê-se bem, a partir da variação considerável do tempo de validade do jornal, que não há duração objetiva da atualidade' (ANTUNES, 2007, p. 28 apud TÊTU, 1993, p.718).

Logo, na atualidade vivemos um paradoxo que, segundo Pereira & Araújo (2016), na mesma medida em que os estudos históricos se tornam mais científicos, tornam-se menos úteis, e se revelam para qualquer finalidade prática, como a educação dos cidadãos para a vida política. Para Rodrigues (2016), trata-se, na verdade, da seguinte aporia:

Se, de um lado, o século XX testemunha a consolidação da forma disciplinar da história, o 'nosso tempo' parece indicar um horizonte não apenas de retração da esfera pública como também de certa descrença quanto à relevância (ou autoridade) dos profissionais da história (RODRIGUES, 2016, s/p. *apud* PEREIRA & ARAÚJO, 2016).

De acordo com reportagem da BBC<sup>9</sup> "o racismo não está piorando, só está sendo gravado agora". O ator americano Will Smith explicou, através dessas palavras, que as novas tecnologias têm contribuído para o registro da violência policial contra os negros nos EUA, e desse modo, o que antes "ninguém via", hoje é filmado e propagado.

A partir de todo esse contexto social, a Oficina desenvolvida com os jovens, provou como é possível utilizar-se de um estilo de música e sua cultura, neste caso, o Rock, para trabalhar estes conceitos.

## 1.2. "KEEP A-KNOCKIN": EMPATIA HISTÓRICA

O sentimento de empatia leva algumas pessoas a serem tocadas emocionalmente pelos fatos, diariamente. Segundo a etimologia da palavra empatia, é oriunda do grego *empátheia*: "paixão, estado de emoção", de EN, "em", mais

<sup>9</sup> BBC. Caso George Floyd: quem era o americano negro morto sob custódia (e o que se sabe sobre o policial branco que o matou). Plataforma digital **BBC Brasil**. 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52849871>. Acessado em 29 de janeiro de 2021 às 12:02:00

PATHOS, “sentimento”. Empatia seria “estar em sentimento”. Portanto, este entendimento de empatia significa desenvolver uma atitude ou sentimento em relação a um indivíduo, evento ou situação. Neste viés, podemos entender empatia histórica como um sentimento empático, com fatos e atores pregressos.

De acordo com Peter Lee (2016), não há como se colocar no lugar do outro do passado, pois não é possível saber o que ele sentiu, como viveu; não podemos colocar juízo de valor no passado, mas entendê-lo e respeitá-lo, ao passo que ele já não pode ser modificado porque já ocorreu.

De acordo com Aguiar, citando Barton, a empatia histórica é uma competência do pensamento histórico que mobiliza o estudante para uma aprendizagem da história:

Ser capaz de assumir a perspectiva das pessoas do passado é um requisito para a compreensão histórica significativa. Para entender por que as pessoas atuaram daquela forma, é necessário estar familiarizado com o contexto cultural que formava os seus pensamentos naquela época. Sem examinar as ideias, atitudes, valores e crenças das pessoas na história, suas ações não têm significado (BARTON, 2001, p. 135, *apud* MONFORT *et al*, 2009).

No entanto, estudiosos da educação e psicologia divergem com relação ao uso do termo Empatia Histórica:

“aqueles compreendendo que historiadores estejam preocupados com a retratação dos fatos do passado e presente, combinando a capacidade intelectual e imaginativa, enquanto, para a psicologia, a preocupação seja com o mundo atual e a possibilidade de estabelecer um contexto recíproco de relações temporais<sup>10</sup>”. (YILMAZ, 2007, p. 332, tradução nossa).

Para Downey (1995):

não há possibilidade da utilização desse termo, mas sim do uso do termo “perspectiva prospectiva” que seria a capacidade de entender características históricas, com base em fatos históricos e eventos, sem tentar se identificar ou simpatizar com seus sentimentos. Ainda, pode-se dizer, dentre uma das vertentes, que para a história, a empatia é definida como a capacidade de descrever o passado através de relatos literários, arte, artefatos e similares, evitando a “mente presente”<sup>11</sup>. (DOWNEY, 1995 *apud* YILMAZ, 2007, pg. 332, tradução nossa).

Já para Barton(1996):

---

<sup>10</sup>

<sup>11</sup>



a empatia histórica reconhece como as pessoas observam as circunstâncias, avaliam e tomam decisões, através de suas percepções, moldando seus valores, crenças e atitudes, acrescido da ideia de que a empatia constitui um dos elementos essenciais do pensamento histórico e da investigação histórica rigorosa que resultam em um entendimento<sup>12</sup>. (BARTON, 1987 *apud* YILMAZ, 2007, pg. 332, tradução nossa).

Por fim, segundo Yilmaz, os estudantes devem desenvolver algumas habilidades para exercer, na prática, a Empatia Histórica, sendo que uma delas é o entendimento do passado sem a comparação e o olhar do presente.<sup>13</sup> (YILMAZ, 2007, p. 334, tradução nossa).

### 1.3. “SHE'S SOMETHING ELSE”: ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA

O Ensino de História suscita muitos debates, dentre os quais se destacam a inserção da música para significar o aprendizado de determinados conteúdos, como, por exemplo, a ditadura no Brasil e o uso das canções da Música Popular Brasileira (MPB), nesta época, como uma fonte histórica significativa. Nesse período, essas músicas eram utilizadas como protesto, de uma camada insatisfeita com o sistema político vigente, e suas letras eram repletas de conteúdo de protesto, direta, ou indiretamente, quando se faziam necessário burlar a censura para que essas músicas pudessem ser ouvidas e compreendidas pelo público final.(CETOLLIN, 2015).

Contudo, a música é uma forma de manifestação cultural, presente desde os primórdios da História, e não foi diferente com relação ao Rock que eclodiu nos Estados Unidos da América, na década de 50. Inserido num contexto de um país segregado racialmente, esse gênero musical também se tornou alvo de disputas raciais, pois assim como o Jazz e o Blues, o Rock tem suas raízes na cultura negra, sendo discriminado inicialmente na sua história justamente por isso: “costume de negros, música de negros” (ALCANTARA, 2019).

A polêmica que envolve o Rock, nesse período da História, está relacionada à política da Guerra fria e a polarização do mundo em capitalismo *versus* socialismo. Esta relação se estabelece a partir do momento em que o Rock se torna “americano demais” para os conceitos socialistas e envolve toda a onda consumista que emergiu nesse período.

---

<sup>12</sup>

<sup>13</sup>

Se por um lado esses jovens protestavam com seus discos, suas músicas, suas jaquetas de couro, suas calças jeans; por outro lado, sustentavam o sistema capitalista que enxergou-os como um nicho de mercado e alvo para um consumo de massa comprando seus discos, mascando chiclete, bebendo Coca-Cola, frequentando o cinema.

De acordo com Moraes:

Os gêneros musicais dizem muito sobre a história de uma sociedade ou período (seu surgimento, o espaço que conquistou no campo artístico – cultural, a apropriação feita pelos grupos sociais, o espaço público de suas relações, origens, influências que recebeu e que exerce) (MORAES, 2006, p. 71).

Complementando com o pensamento de Napolitano:

A experiência musical é um exercício de ‘liberdade’ criativa e de comportamento ao mesmo tempo em que se busca a ‘autenticidade’ das formas culturais e musicais, categorias importantes para entender a rebelião de setores jovens, sobretudo oriundos das classes de trabalhadoras inglesas ou da baixa classe média americana (NAPOLITANO, 2006, p. 13).

Através da utilização da música nas aulas de História, podemos instigar o aluno a relacionar as produções musicais à tudo o que envolve seu contexto (local, cultura e política) aos fatos históricos, da época em questão. Despertar o olhar do aluno para o fato de que a música não é “apenas” uma letra, um som, mas carrega em si todos os fatores do contexto de sua produção. Como por exemplo, a Marselhesa, que foi Hino da Revolução Francesa, um momento de grandes transformações na sociedade, e que hoje é a base do Hino Nacional da França. Através deste exemplo, podemos elucidar o vínculo da música e a dimensão de suas relações do passado para com o presente.

Esta questão é trazida por Kátia Abud (2016), ao destacar a função social da música, que possui esse papel de vincular os tempos históricos. Além disso, a música, aliada à utilização de outros recursos pedagógicos como a fotografia e o cinema, reforça a representação deste passado, num exercício de enriquecer o Ensino de História, para que ele não seja entediante e tão longínquo, como pensam alguns alunos. De acordo com Luciana Pinto:

Toda imagem é histórica. É histórica na medida em que ela é produto de seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma indireta, sub-reptícia e muitas vezes inconsciente para quem a produziu, as

ideologias, as mentalidades, os costumes, os rituais e os universos simbólicos do período em que foi produzido. Parafraseado Marc Ferro, a autora afirma que os filmes não são reflexões mecânicas e diretas da sociedade, pois muitas vezes eles constroem uma contra-história, em virtude de apresentarem um novo ponto de vista para a História, geralmente contradizendo a história tradicional e dominante. (KONRAD, p.193)

A utilização do estilo Rock na aula de História visa a promoção do conhecimento da diversidade cultural. No que se refere à música; a utilização do Rock também serve como instrumento dessa ampliação do conhecimento dos alunos, para que saiam da ótica de suas vivências e possam expandir sua visão de mundo.

Em sua grande maioria, alunos associam o Rock ao “Heavy Metal”, ou seja, com música “pesada” e com “aquele barulhão”; “É disso que você gosta, sora?” Outros, como pude observar, nem mesmo ouviram falar à respeito dos ídolos dos anos 50 como Elvis Presley, Little Richard e Chuck Berry.

Com a finalidade de abranger, a utilização de imagens dos ídolos, seu estilo de vida e a utilização da imagem dos mesmos perante a mídia naquela época, tornam o acesso à essa cultura diferenciada e didática. Dessa forma, pode-se, até mesmo, estabelecer um comparativo simplista, obviamente, com relação à ojeriza da sociedade atual com relação à cultura musical do Funk e ao verdadeiro horror que os pais tinham em relação ao rock e sua subversão, na década de 50, culpabilizando o Rock pelo mau comportamento e rebeldia que vieram à tona.

A música nos EUA foi instrumento de simbologia ideológica, assim como o cinema e a propaganda. Para Konrad (2010,p.95) : “o cinema hollywoodiano nos encanta e, ao mesmo tempo, manipula as evidências históricas, as quais desvelam sobre o que aconteceu”.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), a Pluralidade Cultural é um tema transversal:

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social. (PCN pg.04).

O papel da imagem no aprendizado se mostra muito eficaz. As agências de propaganda que o digam. Na sociedade atual, em que tudo é definido pela imagem,

pelas aparências; torna-se salutar a utilização das mesmas na sala de aula. De acordo com Rolle e Gonzales:

Outros marcos cronológicos, não menos importantes, são os momentos de turbulência social, interna e externa; e guerras mundiais. Da mesma forma, a indústria da música contribui com seus próprios marcos cronológicos e temáticos, ligados à massificação da cultura popular assistida pela invenção técnica e pelo empreendedorismo. A música, por sua vez, oferece a sua própria, ligada à aparência, desaparecimento e resgate de gêneros musicais e estilos interpretativos e à carreira artística de músicos importantes (ROLLE & GONZALES, 2007, p.37, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Ao contrário da música erudita, os cantores de rock não esperam uma plateia passiva, esperam interação. Esta interação com o público infere relações com o corpo e suas manifestações, atingindo o órgão mais sensível dos sentidos que é a audição.

O conceito de subcultura combinava novas atitudes, comportamentos sociais e valores sexuais, ligando este complexo a várias expressões de radicalismo 'anti-establishment' que, por sua vez, estavam diretamente conectadas com o consumo musical, particularmente com o folk, blues e rock music. Os autores sublinham a existência de uma tensão constante entre os provedores musicais (indústria) e as respostas e interpretações das audiências (ligadas às subculturas radicais) (NAPOLITANO, 2006, pg. 29).

Para tanto, a importância deste Projeto consiste em abordar o Rock como apropriação de legitimação da cultura norte americana, de discurso capitalista, como meio de manipulação da sociedade. Cultura esta, que iniciava sua disputa com o Comunismo da URSS (União das Repúblicas Soviéticas) que, inclusive proibiu a veiculação dos produtos vinculados ao rock, por estarem simbolizando o consumo e uma cultura repudiada.

#### 1.4. "THATS ALL RIGHT MAMA": JUVENTUDE, CULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA

No início do século XX, a juventude não tinha espaço, e os percalços sofridos pela sociedade ocidental, que culminaram na Segunda Guerra Mundial e suas

---

<sup>14</sup> No original: "Otros hitos cronológicos, no menos importantes, lo constituyen los momentos de agitación social tanto internos como externos; y las guerras mundiales. Así mismo, la industria musical aporta sus propios hitos cronológicos y temáticos, ligados a la masificación de la cultura popular asistida por la invención técnica y la iniciativa empresarial. La música, a su vez, entrega los suyos, vinculados a la aparición, desaparición y rescate de géneros musicales y estilos interpretativos y a la carrera artística de los músicos significativos."

consequências atroz, levava, o que hoje chamamos de adolescente, à ter obrigações de um adulto, como ir para o campo de batalha ou preocupar-se em ajudar no sustento da família. No período pós guerra, teve início uma nova fase na qual a geração que não precisou ir para a guerra, ou ocupar o seu tempo produzindo, começou a ter tempo livre com seus semelhantes dando início ao processo de mudança que culminaria na Revolução Cultural desse século.

De acordo com Portinari e Coutinho (2006,p.63), “(...) que a figura do jovem representa, entre outros atributos, a encarnação de certa liberdade idealizada”, representada nos anos 50 pelo rock e pela forma de vestir, atrelado à jaqueta de couro e a calça jeans.

Além disso: “(...) a moda abrange o corpo, incluindo também os gestos, a voz, a entonação, o olhar, a postura, o andar, o tom, etc.” (Portinari e Coutinho (2006,p.65). Essa colocação se relaciona perfeitamente com o espírito da juventude da década de 50 e com a influência da indústria cultural dos filmes e de ícones, como Marlon Brando, James Dean e Elvis Presley.

Segundo Maria Rita Kehl,

‘Jovem’ era o significante para tudo o que até então vivia nos porões da civilização. Jovem era a inteligência quando se aventurava a pensar para além dos cânones universitários. Jovem era a rebeldia contra os padrões estabelecidos, contra a moral hipócrita que sacrificava os prazeres do corpo em nome de uma dignidade vazia. Jovem era a adesão a utopias políticas que propunham um futuro melhor (KEHL, 2004, p. 91).

Além desta influência musical, de acordo com Bomfim e Percinio (2015, p. 86), “(...) no cinema, o ideário de ‘rebeldia’ se mostrou influente a partir de títulos como *Um Bode chamado desejo*, de 1951”. Os gestos de James Dean, no filme *Juventude Transviada*; a moda da introdução da jaqueta de couro por Marlon Brando no filme *Selvagem da Motocicleta*; o balanço da pélvis de Elvis, considerado obsceno, encaixam-se no conceito de moda.

O Rockabilly, apesar de inicialmente estar relacionado apenas à vertente musical, rapidamente alastrou a outros níveis do cotidiano, na indumentária, nos penteados e na decoração, recriando um ambiente ligado a toda uma nova cultura dos anos 40 e 50.

A contra cultura e os acontecimentos da década de 50 fizeram surgir no Brasil a censura que passou a regular o material que poderia, ou não, ser consumido pelos

jovens da época. De acordo com Ventrini (2010), surgiram leituras infames:

A classificação dos periódicos baseava-se em dois princípios: legal e pedagógico. O princípio legal tinha como referência a legislação então vigente; já o aspecto pedagógico atendia 'aos fundamentos da educação e aos princípios morais da família brasileira', conforme testemunho encontrado em um Boletim do CPOE/Rio Grande do Sul. (VENTORINI In: BARROSO, 2010, p. 91).

É importante observar o quanto esse conceito de princípios morais ainda está presente, de certa forma, ainda atualmente em algumas colocações da mídia, como a reportagem, sobre Marcela Temer (esposa do então presidente, Michel Temer) da revista veja, sob o título "Bela, recatada e do lar".<sup>15</sup>. Nesse sentido, pode-se dizer que a construção do conceito de cultura e sua apropriação pela juventude de determinada época são coisas inseparáveis.

Nesse contexto podemos determinar o que define o conceito de cultura:

De qualquer forma, o conceito de cultura ao qual eu me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 1989, p.66).

Como também, de acordo com o Dicionário de conceitos Históricos:

Em todo universo cultural, há regras que possibilitam aos indivíduos viver em sociedade; nessa perspectiva, cultura envolve todo o cotidiano dos indivíduos. Assim, os seres humanos só vivem em sociedade devido à cultura (SILVA, 2005, pg. 86).

A partir do momento em que essa nova sociedade começa a se formar, na década de 50, os jovens desse período começam a ser percebidos, pela primeira vez, como um grande grupo consumidor, visado pelos empresários da época:

O que importava para os jovens americanos era a diversão. Pela primeira vez muitos adolescentes não tinham que trabalhar para ajudar suas famílias [...] com o advento da ajuda de custo eles adquiriram um poder de compra maior. (FRIEDLANDER, 2017, p. 38).

Além disso, é importante destacar:

---

<sup>15</sup> LINHARES, Juliana. Marcela Temer: Bela, recatada e do lar. Plataforma digital **Revista Veja**. 18 de abril de 2016 às 19:14:00. Disponível em: [Marcela Temer: bela, recatada e "do lar" | VEJA \(abril.com.br\)](http://marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar-veja.abril.com.br). Acessado em 29 de janeiro de 2021 às 12:46:00

Na era do homem de empresa, no qual os pais trabalhadores se esforçavam para ter seu lugar sem se conformar, o rock se tornou um catalisador para os adolescentes formarem sua própria identidade de grupo (FRIEDLANDER, 2017, p. 46).

O rock trouxe à tona uma cultura de oposição à cultura vigente, inclusive na mídia televisiva recente, como a do seriado “Papai sabe tudo”, pois “(...) a infabilidade da família e a honra da sociedade estavam em jogo”, e talvez o papai não soubesse tanto assim de tudo (FRIEDLANDER, 2017, p. 47).

O rock e o rockabilly, com todas as suas influências e representatividades, podem ser relacionados, partindo-se do conceito de Pereira, de que “A história maior leva ao silenciamento e a invisibilidade das memórias individuais, de grupos, de povos, que não são contempladas pela grande memória” (PEREIRA, 2017, p. 106), e do conceito de história menor “(...) é uma forma narrativa que se volta para histórias pouco contempladas no movimento longo e lógico das estruturas (...) e se ocupa da expressividade dos corpos (...)” (PEREIRA, 2017, p. 110). Expressividade esta, que se encontra nítida na dança do estilo rockabilly e que ainda faz parte, atualmente, de uma subcultura, desvinculada da grande ideologia cultural de massa, vigente tanto nos EUA quanto no Brasil.

A importância deste contexto histórico, na reflexão dos fatos culturais, é contundente quando se admite que a História nos remete ao passado, como refúgio para a fugacidade do presente. Só assim as transformações políticas e a vida social poderão, ou não, ter nossa simpatia, e a cultura e a arte serem um trampolim para os sonhos (ALVES, 2001, p. 25).

#### *1.4.1. “Dancin' to the Jailhouse Rock”: Os jovens nos anos 50*

Os jovens como “sujeito social” entraram em cena durante os anos 50. A visibilidade dessa nova condição se manifesta várias vezes nos países industrializados. As novas seções do fenômeno juventude começam a tomar forma principalmente nos EUA e gradualmente em outros países ocidentais. Pela primeira vez na história, em todo o mundo ocidental (primeiro na América e depois em outros países), milhões de jovens, depois de completar seus deveres escolares diários, estavam na condição inédita de pensar para si mesmos, lendo livros; encontrando-se livremente; indo ao cinema, teatro; socializando, trocando ideias e opiniões sobre a vida e o mundo, sobre suas experiências, amores, preferências musicais, política etc. Uma grande diferença em comparação com os jovens de algumas gerações anteriores, forçados a irem para a guerra ou a trabalhar, com a idade entre 8/10

anos (FRIEDLANDER, 2017).

É nessa "condição juvenil", sem precedentes, que irá gradualmente se espalhar, como uma fogueira, uma sensibilidade e um pensamento crítico em direção ao "mundo dos pais".

A fronteira entre a mudança efetiva nas condições socioeconômicas e o surgimento de novos mitos e novas modas é difícil de rastrear. Portanto, a figura ainda em emergência dos "adolescentes", "nasce" e têm mais oportunidades de ficar muito tempo com os seus pares, tendo mais tempo livre do que seus pais e avós tiveram. Esses jovens estão ansiosos por mais liberdade, especialmente costumes, e querem reagir a ordem vigente. Sendo assim, as empresas percebem esse novo nicho, e os jovens começam a se tornar consumidores formidáveis: mascar chiclete, beber Coca-Cola, comprar roupas, cosméticos, ingressos de cinema, motocicletas, etc. A própria emergente indústria cultural (cinema, televisão, música) é o intérprete das novas culturas juvenis oferecendo, aos adultos e aos jovens, um espelho no qual refletem as suas orientações (CHACON, 2010).

O período pós-guerra dos Estados Unidos também foi caracterizado pelo que alguns sociólogos têm chamado de "a invenção do adolescente", ou uma figura social criada pela nova sociedade de consumo, que tinha desafiado uma série de valores fundamentais de toda a família, e também o modo de conceber o trabalho. Nessa nova realidade, avançou-se o início da vida adulta, com a consequente dilatação dos tempos de não-trabalho e a presença de uma nova geração de jovens menos controlados pelas famílias e com mais tempo livre e disponibilidade econômica, portanto, destinados a se tornarem "novos consumidores". Nesse contexto inserem-se novos temas que são capazes de impor estilos de vida e tendências inovadoras que contribuíram para o nascimento das chamadas "subculturas juvenis" (FRIEDLANDER, 2017).

O cinema americano dos anos cinquenta não ficou alheio a essas mudanças, e atores como Montgomery Clift, o primeiro anti-herói jovem, mal-humorado e introvertido; Marlon Brando, que em vez da dureza juvenil incorporada, mas também incorporava a vulnerabilidade, tornaram-se os ídolos de uma audiência bem identificada. Foi nesse período que "O Apanhador no campo de centeio" foi publicado (1951), romance cult de J.D. Salinger e uma espécie de manifesto das novas gerações, ansiando por um espírito de rebelião e um Maverick, retrato de um pequeno-burguês.



Em 1950, também começa a aparecer personagens de desenhos animado. Como por exemplo, Peanuts em que o criador queria representar os eternos adolescentes, que tinham relações adultas baseadas na incomunicabilidade. Mas esse também foi o período em que o fenômeno massivo do Rock and Roll explodiu, o que, junto com os quadrinhos, a literatura de ficção científica e o cinema, contribuiu para delinear o horizonte de referência aos mitos do novo "imaginário juvenil". "A era do Rock and Roll" chegou ao cinema com o filme *The blackboard jungle* (1955); *Sementes de Violência*, de Richard Brooks, que em suas cenas de abertura lançou o hit de Bill Haley, "Rock in the Clock". De qualquer forma, era um trabalho ainda concebido para um público adulto, porém, os meninos preferiam esse tipo de filme a filmes de terror, b-movies e drive-in. O filme emblemático "Juventude transviada", estrelado por James Dean, é um grande precursor desse exemplo a ser seguido pelos jovens daquela época.

A mudança cultural é expressa, antes de tudo, através da adoção de um novo vestuário e, em segundo lugar, através de uma nova dança, chamada *rock and roll*. O ritmo frenético desta música, lançado em 1955, traduz muito bem o desejo de queimar os tempos das novas gerações.

A nova 'autonomia' da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabavam juntas. Essa figura, antecipada na década de 1950 pelo astro de cinema James Dean, foi comum, talvez mesmo como um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude – o rock. (HOBBSAWM, 1995, p. 318).

Sobre a onda das estrelas cinematográficas e musicais que a interpretam, a cultura e a moda adolescente também chegam à Europa, a partir da Inglaterra, com variações de cada país. O desejo de imitar os modelos americanos transformou-se numa febre, também na Europa e, mais tarde, no Brasil; os meninos, mas também os adultos, se envolvem voluntariamente no grande mito de uma América consumista e rica. Nasce o americanismo, que permanecerá típico até meados dos anos 1960.

Mesmo com esse comportamento implementado por "gangues" (os protagonistas de lutas, furto, roubo), que é selado com o nome de *Teddy Boys*, essa juventude parece estar substancialmente alinhada com o objetivo da reconstrução econômica do pós-guerra, com a modernização industrial e com a obtenção de

riqueza e consumismo (FRIEDLANDER, 2017).

Os jovens são representados como "sujeitos inquietos" que, por um lado, criam problemas para a sociedade, mas, por outro lado, modernizam-na e enriquecem-na. A mentalidade da época não tolera nenhum comportamento diferente da "norma", que certamente é estigmatizado como "desviante". Basta pensar que o uso de jeans na escola foi proibido porque foi considerado inadequado, grosseiro, vulgar (CHACON, 2010).

Em 1955, nos EUA, desenvolve-se o Rock 'n' roll que vem do *ritmo e do blues* (R&B), música popular afro-americana e do *country*. A nova música emerge na América, com a Canção de Rock "Around The Clock", por Bill Haley, e os cantores que a levam ao sucesso são: Bill Haley, Elvis Presley, Jerry L. Lewis, Buddy Holly, substituindo os músicos tradicionais por uma execução que enfatiza os gestos físicos.

No Brasil, a emergência de uma cena jovem demorou mais uma década para se estabelecer:

A descoberta de uma cena jovem se deu efetivamente com a Jovem Guarda. Até então com a força do rádio AM, não existiam movimentos direcionados a este segmento. Além do tipo de música em si, atrelada à arquitetura do rock dos anos 50, foi a televisão que deu força e consistência ao gênero (BOMFIM e PERCINIO, 2015 p, 88).

Por fim, podemos apontar que nos anos 50 e 60 houve a "Beat Generation", um movimento cultural juvenil não convencional, que se caracterizou pela rejeição de regras impostas, pela a condenação do materialismo e através de uma forte inovação no estilo. Foi a resposta para a necessidade de transgressão de milhares de jovens atolados em uma cultura massificada, que parecia não dar espaço ao seu mal-estar. Esse clima de turbulência gerou novas formas de expressão no campo artístico e literário, inspiradas pelo desejo de "quebrar" em relação ao passado, caracterizado por uma significativa expressividade bruta e, portanto, em franco contraste com a tradição "idealista" dos círculos acadêmicos (TOSCHES, 2006).

## **2. “WOODEN HEART”: A GUERRA FRIA NO ÂMBITO CULTURAL NA DÉCADA DE 50**

Com o rock, “a massa jovem adquiriu um protagonismo inédito, antes apagado diante das crises e conflitos da Segunda Guerra Mundial”. (PERCINIO E BOMFIN, 2015, p. 86). Partindo da ideia de que o Rock provocou uma cisão nos valores impostos nessa época, os quais eram altamente conservadores, este estilo também “encorajou a separação da juventude do controle familiar” (FRIEDLANDER, 2017, p.45.)

Paralelo a isso, também se inseriu a realidade mercadológica, com o intuito de atingir essa juventude através da formação de uma nova indústria cultural, onde o rock foi um ingrediente importante nesse meio, como um novo nicho de mercado. Friedlander, citando Ian Watson, aponta que:

Há um cabo de guerra entre o que ele chama de as duas diferentes formas de existência do rock: de um lado uma função estético-cultural enquanto práxis cultural dos jovens, de outra, uma forma econômica enquanto mercadoria de produção de distribuição em massa (FRIEDLANDER, 2017, p.16).

Os eventos de importância internacional do período que abrange 1956 a 1968 (a título de exemplo: Budapeste de 1956 a oposição à Guerra do Vietnã, ao maio francês, à resistência de Praga: tanto no Oriente, como no Ocidente), às vezes sobrecarregados de símbolos e mitos, não obstante, representam momentos históricos, nos eventos sócio-culturais e políticos, do período pós-guerra. A estrutura dicotômica e rígida, imposta pela Guerra Fria, sofreu as primeiras rachaduras nestas situações: o rompimento das margens e o fim de parte das denúncias do stalinismo, nas fileiras do movimento trabalhista e socialista, criam as condições para uma longa e árdua jornada; depois da Hungria, e ainda mais depois de Praga, nada mais foi igual ao que foi antes.

O ano de mil novecentos e cinquenta e seis (1956) é altamente dramático e sofrido para o mundo comunista e para toda a esquerda. Em alguns dos militantes do Partido Comunista antes disso, conseguiram encarar de perto e de forma tão brutal com sombras e ambiguidade da experiência soviética. Com o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), as violentas críticas iconoclastas de Khrushchev e o prometido começo do processo de desestalinização; com a

insurreição dos trabalhadores de Poznan; e, finalmente, com os trágicos fatos da Hungria – que terminaram com os tanques do Exército Vermelho em Budapeste –, os ídolos caem dentro de alguns meses. Isso abre um processo muito lento, que terá seu epílogo lógico em 1989, mas com muitos passos intermediários e um fundamental – o Sessenta e Oito – para o retorno à luz de uma esquerda crítica variada, até então sufocada pelo stalinismo.

São anos frutíferos de incubação, inquietação, experimentação e busca de novas identidades. A dissidência política organizada e, por outro lado, as subjetividades juvenis emergentes foram elementos constitutivos, embora distintos em suas origens, desse caminho de renovação. A análise dos fatos ocorridos neste período, para a construção de um pensamento histórico, perpassa por alguns fatos importantes da juventude da época. De acordo com Laville (1999) os jovens passam a participar democraticamente da sociedade, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, utilizando-se da arte. Esses jovens eram em, sua maioria, brancos, classe média, que criticavam o racismo e buscavam se desvincular dos valores preponderantes na época, com uma busca incessante por si mesmos, rodando pelas estradas e adotando o rock como seu grande porta voz. Além desse dado, a emergência da juventude, como protagonista dos movimentos culturais e das contestações na segunda metade do século XX, também impulsiona uma série de modificações comportamentais, que desemboca numa profunda mudança na vida cotidiana da sociedade ocidental (SILVA, 2015).

O rock, os ídolos, a imagem globalizada do jovem de calça jeans e camiseta e o crescimento da indústria do consumo, realça a importância da compreensão da história do rock para o entendimento das segregações raciais e econômicas, até a atualidade; atribuindo gêneros musicais e ídolos à distintas classes sociais. Diante do exposto, verifica-se um perfil semelhante entre os jovens à partir da década de 50, sempre paralelamente às influências midiáticas nas gerações subsequentes. A aproximação deste passado, através de análise dos fatos ocorridos, contrapondo-se com o nosso presente, assim como sua magnífica semelhança com as influências da mídia na atualidade, são abordagens que deverão compor o trabalho.

A relevância da pesquisa está no fato de vivenciar um passado tido como distante, na concepção temporal dos alunos da faixa etária de 12 a 15 anos, de uma Escola de Ensino Fundamental, no município de Gravataí, localizada em um bairro considerado de grande vulnerabilidade social.

## 2.1. "IN THE GUETO": O APAGAMENTO DAS ORIGENS NEGRAS DO ROCK

Em meio ao fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria entre EUA e URSS, uma nova sociedade, traumatizada pelas tragédias sofridas, emergia, visando construir um futuro de esperança e otimismo. Contrapondo-se ao desejo dessa nova sociedade – esperançosa e otimista –, a segregação racial era uma impactante realidade nos EUA; contudo mais impactante ainda era a música negra, através da qual o fenômeno do Rock foi constituído. Alguns ícones foram marcantes para essa relação: Little Richard, Bill Halley e Elvis Presley.

Little Richard era cantor e pianista negro que trouxe o rock'n'roll para os salões de dança americanos, em uma sociedade "branca" que necessitava, se divertir, mas, ainda estava condicionada às ideias racistas de seus pais e políticos. Little Richard não era apenas um cantor: ele era um verdadeiro showman, tanto na sua maneira de cantar, quanto pela sua maneira de se movimentar e manter a cena em torno de si (SOUSA, 2018).

Bill Haley é reconhecido como "o verdadeiro nascimento do rock'n'roll". Cantor branco, com cara de bonzinho, caiu no gosto do público americano branco que começavam a dançar em clubes (como negros).

Elvis Presley: o mito do rock'n'Roll, mistura as sociedades branca e negra. Ele é o típico menino, branco, americano que pode cantar e se mover com energia e com o gingado da música negra. Torna-se o símbolo do rock'n'roll, trazendo a música para a TV e em filmes.

Figura 1: Little Richard em uma performance no piano



Fonte: JIM, Skinny. Esquerita: O pianista desconhecido que inspirou Little Richard. 11 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://universoretro.com.br/esquerita-o-pianista-desconhecido-que-inspirou-little-richard/> Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

Figura 1: Bill Halley tocando seu violão em uma apresentação



Fonte: FALABELA, IEO. Bill Haley. Site Caleidoscópio. Disponível em: <http://www.caleidoscopio.art.br/cultural/musica/rock-roll/anos50-bill-haley.html>. Acessado em 02 de fevereiro de 2020.

Figura 1: Elvis Presley com sua performance no início da carreira



Fonte: Elvis Presley: o rei do Rock. **Blog Mundo sonoro 00**. 19 de novembro de 2009. Disponível em: <https://mundosonoro00.wordpress.com/2009/11/19/elvis-presley/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

A música Jailhouse Rock, inserida no filme “Homônimo”, deu origem a ideia que veio do que veio a ser considerado o primeiro videoclipe da história. Esta nova leva de músicos, da década de 60, em comparação aos músicos da década de 50, merecem destaque.

Enquanto os precursores do rock and roll da década de 50 eram garotos mal saídos da adolescência, que vinham dos mais baixos extratos da sociedade, de onde buscavam ascender socialmente, com pouca educação formal e constituíam um núcleo miscigenado de representantes negros, como Chuck Berry aos trinta anos, uma exceção nesse grupo, Little Richard, Fats Domino; e brancos (Elvis Presley, Buddy Holly, Jerry Lee Lewis, Eddie Cochran), os protagonistas do rock sessentista vinham em grande maioria da classe média, tocavam para uma plateia inconfundivelmente branca e não se imaginavam como agentes de entretenimento, mas como artistas capazes de tecer comentários a respeito de uma sociedade em



turbulência, e de abrir novas fronteiras de exploração musical, utilizando recursos tecnológicos modernos (SOUSA, 2018).

Nesse sentido, o estudo do passado sensível e traumático, não significa apenas colocar o aluno diante de um conteúdo disciplinado e frio (WHITE, 1995), mas diante de algo que desperta um posicionamento ético e político, de indignação frente à injustiça e à violação dos direitos humanos mais fundamentais. O aspecto estético diz respeito às formas de exprimir esse passado . (PEREIRA, 2017, p. 2).

## 2.2. “A-WOP-BOP-A-LOO-BOP-A-WOP-BAM-BOOM”: LITTLE RICHARD X ELVIS PRESLEY

A grandiosidade destes dois artistas, Little Richard e Elvis Presley, foi expressada, distintamente, em seus shows. A proximidade das suas performances e dos estilos dos mesmos é o que mais aguça a curiosidade dos fãs. As duas imagens abaixo podem iniciar bem a discussão de comparação entre esses artistas.

Figura 1: Little Richard com capa de franjas



Fonte: COSGROVE, Ben. Little Richard Unpublished photos of rock'n'roll's original wild

man. Disponível em: <https://www.life.com/people/little-richard-unpublished-photos-of-rock-n-rolls-original-wild-man/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

Figura 1: Elvis Presley aparece de capa após Little Richard



Fonte:Elvis Presley. Blog Jornal da Paraíba. 08 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/2018/01/08/elvis-presley-1935-1977/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021

Elvis Presley, homem branco, nasceu em Tupelo, Mississippi, nos EUA, em 08 de janeiro de 1935 e morreu em Memphis, em 16 de agosto de 1977; heterossexual, de origem humilde, começou a cantar música gospel na igreja; tinha, em sua formação, muita influência da música negra.

Little Richard, homem negro, nasceu em 05 de dezembro de 1932, em Macon, Georgia, EUA e faleceu em 08 de maio de 2020 (curiosamente no decorrer da finalização deste trabalho). Assumidamente bissexual, de origem humilde, também começou sua trajetória na música, cantando gospel na igreja, seu pai era alcoólatra e totalmente contra sua aparência nos shows (com penteado Pompadour

e as roupas muito chamativas). Sua fama foi permeada por inúmeras polêmicas, assim como Elvis Presley, no entanto, com viés diferente, justamente devido às suas diferenças raciais.

Mais duas imagens abaixo para comprovar as semelhanças entre os artistas. Richard, sempre conhecido por suas performances icônicas ao piano. Já, Elvis, utilizava o piano em momentos mais intimistas de seus shows.

Figura 1: Little Richard em uma típica performance ao piano



Fonte: Redação Ver o Fato. Aos 87 anos, morre Little Richard, o gênio do rock. Plataforma digital **Ver o Fato**. 9 de maio de 2020. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/aos-87-anos-morre-little-richard-o-genio-do-rock/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

Figura 1: Elvis Presley também ao piano



Fonte: Plataforma digital Pixels. Disponível em: <https://pixels.com/featured/elvis-presley-on-piano-while-waiting-for-a-show-to-start-1956-the-phillip-harrington-collection.html>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

O primeiro *single* de sucesso de Elvis Presley, chamado “That's All right” explodiu, nas paradas de sucesso dos EUA, em 1954. Little Richard, por sua vez, teve seu primeiro sucesso em 1955, com a música “Tutti Frutti”, seguido por “Long Tall Saly”, em 1956.

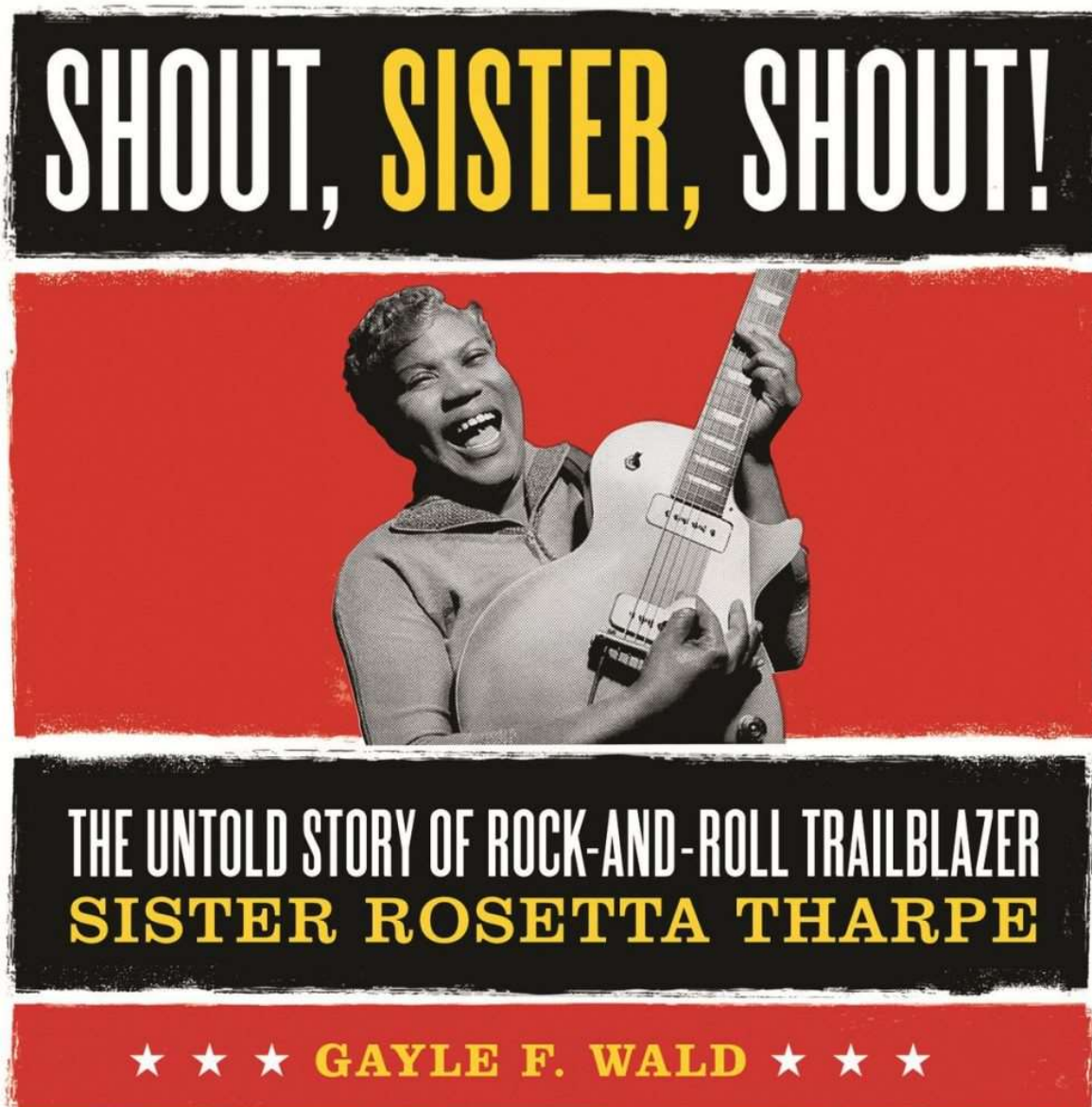
Assim como Elvis, Little Richard iniciou cantando música gospel com a família, num grupo chamado Penniman Singers, até que o proibiram de cantar na Igreja, por considerarem que ele “gritava muito” em suas interpretações e “estragava” as canções.

Richard morava num bairro só de negros, onde próximo , depois de duas ruas, havia o bairro de brancos. O pai de Little Richard fez um playground para as crianças dos bairros negro brincarem, e não havia problemas de as crianças brancas brincarem no playgroud do bairro negro, contudo, as crianças negras eram proibidas

de usar o banheiro dos brancos. Os espaços eram bem delimitados racialmente, havendo segregação espacial.

Little Richard teve o privilégio de ter sido convidado ao palco quando Rosetta Tharpe (sua cantora favorita, mulher negra) foi se apresentar no auditório onde ele trabalhava, vendendo Coca-Cola.

Figura 1: Rosetta Tharpe



Fonte: Redação A casa de Vidro. O rock'n'roll foi inventado por uma mulher negra e queer? – sobre siter Rosetta Tharpe (1915-1973). Plataforma digital **A casa de vidro**. Disponível em: <https://acasadevidro.com/o-rocknroll-foi-inventado-por-uma-mulher-negra-e-queer-sobre-sister-rosetta-tharpe-1915-1973/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

Na biografia de Richard, seu autor afirma o posicionamento quando ao desfavorecimento dos negros em relação aos brancos na música em geral:

O racismo está tão profundamente arraigado nos EUA que pessoas boas não percebem que suas atitudes são racistas e que estão contribuindo para a revoltante opressão baseada na cor das pessoas. Os criadores e os inovadores da música adro-americana [...] deveriam ser venerados e respeitados. No entanto, Paul Whiteman foi coroado rei do jazz, Benny Goodman, rei do swing e Elvis Presley Rei do Rock and Roll, enquanto aos genio negros, como Duke Ellington, Count Basie, Billie Holiday, Joe Turner e Little Richard que criaram a única forma de música clássica dos Estados Unidos, sempre foi negado reconhecimento em seu próprio país. (WHITE, 1987, p.12)

Quando já era famoso, de acordo com a sua biografia, Richard afirma:

A gente estava rompendo as barreiras raciais. A garotada branca tinha que esconder os meus discos, porque não tinham coragem de deixar seus pais saberem que tinham os discos em casa. A gente decidiu que eu teria uma imagem louca e excêntrica, para que os adultos pensassem que eu era inofensivo. Eu aparecia num show vestido de rainha da Inglaterra e no outro de papa (WHITE, 1987, p.73)

Sua biografia é perpassada por narrativas ora realistas, ora mais otimistas, a respeito da segregação racial da época, como observa-se abaixo:

Queriam chegar perto de mim e arrancar minhas roupas. Só tinha lugar em pé na platéia, e 90% das pessoas eram brancas. Eu sempre achei que o Rock'n'roll uniu as raças. Embora fosse negro, os fãs não ligavam para isso. Eu gostava disso. Especialmente por eu ser do Sul, onde você vê as barreiras, era incrível ver todas aquelas pessoas que a gente achava que nos odiava, demonstrando todo aquele amor (WHITE, 1987, p.76).

Nesta, uma visão mais realista, do que foi um artista como Little Richard viveu o outro lado da fama, em sua época:

O racismo sempre me prejudicou muito nos Estados Unidos. Até quando eu estava me apresentando em Las Vegas, eles nunca queriam me pagar a mesma coisa que pagavam aos outros artistas. E no entanto todos eles vinham me ver – Elvis Presley, Tom Jones, Glen Campbell [...], todos os figurões. E acho que o racismo era o motivo principal de tudo isso. [...] Eu devia ter feito filmes e comerciais. Mas eles não faziam isso por causa do racismo (WHITE, 1987, p.168).

De acordo com Quincy Jones, músico de jazz e diretor musical:

Little Richard foi não só um gigante mas também um pioneiro da chamada indústria do Rock. Ele tinha uma voz e um estilo tão excepcionais que ninguém ainda chegou perto dele, mesmo hoje em dia (e se você não acredita em mim pergunte ao Mick Jagger)

(WHITE, 1987, p.107).

O talento de Elvis Presley como artista é inegável. No entanto, obter status de “Rei”, deve-se, unicamente, à manipulação da mídia americana, que não aceitava os negros como ícones, principalmente para os jovens. O estilo de Little Richard é único, ele era admirado inclusive pelo próprio Elvis que, em uma apresentação de Little Richard em 1969, fez parte do público.

Elvis Presley estava na primeira fila na noite em que o Arti Rupe veio me ouvir. Eu chamei a atenção do público para ele e ele se levantou e agradeceu. Ele ficou me observando como um lince durante toda minha apresentação, aí depois do show lá estava ele esperando por mim [...]. Depois do show ele disse: ‘Cara, eu adoro o seu show, você é o maior!’ (WHITE, 1987, p.142).

Em meio ao noticiário da morte de Little Richard, observa-se muitas referências ao seu pioneirismo no Rock. De acordo com a matéria do jornal “El País”, de 9 de maio de 2020:

Richard Wayne Penniman, conhecido como Little Richard faleceu neste sábado aos 87 anos. Afetado por problemas de saúde há anos e vítima de vários ataques cardíacos, a morte daquele que é considerado um dos três pais do rock ao lado de Chuck Berry e Jerry Lee Lewis foi confirmada pelo filho à revista Rolling Stone, embora a causa não tenha sido mencionada.<sup>16</sup>

Em suma, as referências, neste trabalho apresentadas, serviram de aporte para que os alunos compreendessem a dimensão que pode atingir o preconceito racial em camadas inimagináveis da sociedade.

### 2.3. “É SOM DE PRETO, DE FAVELADO...”: O ROCK DO INÍCIO DOS ANOS 50 NOS EUA E O FUNK BRASILEIRO ATUAL

Num primeiro momento, parece absurda a ideia de comparar dois estilos tão diferentes. Porém, analisados, detalhadamente, em sua história inicial, verifica-se que qualquer semelhança não é mera coincidência, pois o fator preponderante de serem alvos de preconceito é, justamente, suas raízes negras.

Alguns fatores que ligam o rock cinquentista ao funk são: As origens de ambos serem negras e de periferia. Ambos; são considerados vulgares, pelos pais dos jovens que os apreciam; foram absorvidos pela cultura de massa e adaptados

<sup>16</sup> El país. Morre Little Richard: grande pioneiro do rock n’roll. Plataforma digital do jornal **El País**. 9 de maio de 2020 às 12:28:00. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-05-09/morre-little-richard-grande-pioneiro-do-rock-n-roll.html>. Acessado em 29 de janeiro de 2021 às 13:52.

para serem usados pelo mercado de consumo de classe média branco; são vítimas de preconceito pela sociedade em geral, pois são considerados uma ode ao corpo e ao “pecado”, tanto pelas letras quanto pelos movimentos que sugerem o corpo, ao dançar esses estilos de música.

Uma circular distribuída no Sul dizia; ‘Leia! Pare! Ajude a salvar a juventude americana. Não compre discos de negros. Se você não quer servir negros no seu estabelecimento comercial, não toque discos de negros no seu toca-discos automático nem ouça música de negros nas rádios. As letras idioticas e berradas e a música selvagem desses discos estão minando a moral da juventude branca nos Estados Unidos. Telefone para os anunciantes das estações de rádio que tocam esse tipo de música e reclame com eles (WHITE, 1987, p.76).

Nesse sentido, o Funk se aproxima do Rock. De acordo com a pesquisa de Lopes (2011), a mídia brasileira sempre coloca o funk como coadjuvante ou, fator principal, relacionado à criminalidade nas favelas cariocas. “(...) O funk quando relacionado à favela, é sempre distúrbio da ordem, ‘uma festa de bandidos’, e nunca uma diversão de jovens e adolescentes” (LOPES, 2011, p.63).

Segundo a pesquisa dessa autora, o preconceito com o funk também é um tipo de racismo:

O funk evidencia como a juventude negra e favelada se reinventa criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes, as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa. Além disso, a crítica ao funk escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica ocidental do ‘bom gosto estético’ (LOPES, 2011, p.18).

Além disso, o estilo musical perpassa a questão de classe social, tendo em vista que “o funk traz à tona as vozes que podem parecer rudes, incivilizadas e agressivas para determinada elite, mas que constituem uma realidade social de modo único, que não vemos nos jornais ou nos livros” (LOPES, 2011, p.89).

Quanto à perseguição que o Rock sofreu no seu surgimento, o próprio Little Richard, em uma de suas fases, na qual largou sua carreira de artista para se dedicar à carreira de Pastor, proferiu a ideia “cristã” a respeito do Rock:

Eu acredito que esse tipo de música é demoníaca. Conheço os grupos de rock e o pessoal do punk rock nesse país. E algumas das letras das músicas deles são demoníacas. Eles falam contra Deus. [...] Eu acredito que esse tipo de música está afastando as pessoas de Cristo. Isso é contagioso. Eu acredito que Deus quer que as



peças se afastem do Rock para se prepararem para a vida eterna (WHITE, 1987, p.194).

Segundo Friedlander, a respeito do dilema que os jovens cinquentistas estavam expostos:

Pais, professores, pastores, todos dizendo que o rock and roll era ruim para eles. Mas deitados na cama encolhidos com seus rádios ou depois da escola na casa dos amigos, os jovens sabiam que ouvir rock and roll os fazia sentir-se bem. Pai e mãe, caso falassem no assunto de alguma maneira, diziam que as canções com letras de duplo sentido falando de amor e de sexo eram erradas (FRIEDLANDER, 2017, p. 47).

De fato, tanto o Rock, dos anos 50, quanto o Funk tiveram papel de inserir os sujeitos invisíveis numa sociedade branca e patriarcal. Cada um de maneira diferente, mas semelhante na sua finalidade última: o entretenimento dos jovens e a cisão com os padrões vigentes, cada um em sua época .

O funk, com seus bailes organizados nas comunidades, e o Rock, com seus festivais e festas, ambos, muitas vezes, permeados por invasões da polícia, por proibições de mães e pais, da elite branca, coibindo seus filhos de se misturarem nesses ambientes.

O funk deu “um lugar de fala” às pessoas que, por meio dele, se expressam e se identificam. Ao posto que o Rock iniciou como forma de movimento de contracultura, mas logo, após sua primeira década, foi absorvido pelo sistema capitalista, restando, na atualidade, poucas representações de sua finalidade inicial: rebeldia, protesto.

### **3. “DESDE MENOR, A MINHA ESCOLA É MINHA FAVELA ...”: ESPAÇO FORMAL DE APRENDIZAGEM: A ESCOLA**

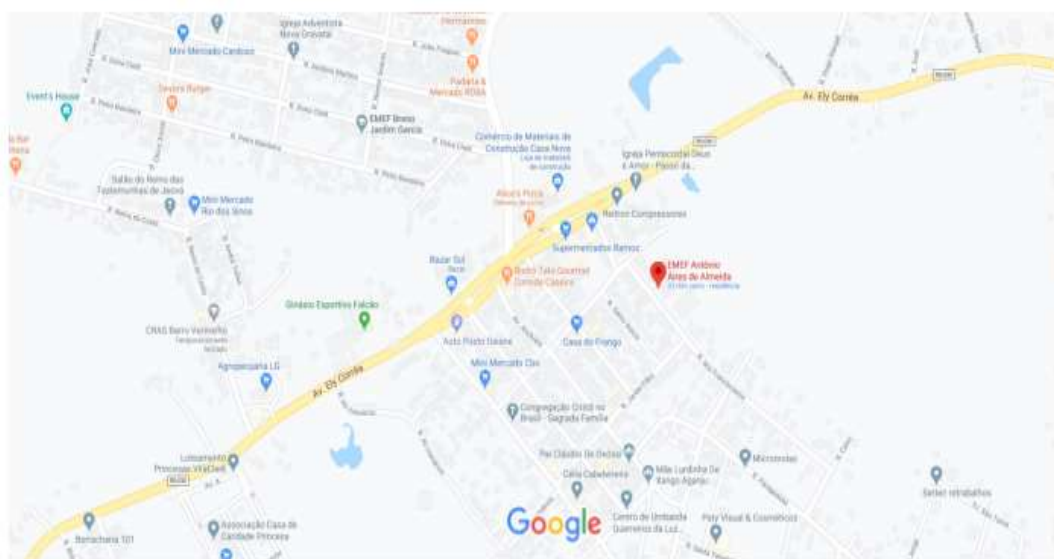
As duas escolas, em que foi desenvolvida a oficina, estão localizadas no município de Gravataí. São elas: Escola Municipal de Ensino Fundamental João Goulart, localizada no Bairro Morada do Vale I, atende alunos desde a pré-escola até o 9º ano, no período diurno. E a Escola Antônio Aires de Almeida, localizada no bairro Caverá, quase divisa com o município de Glorinha, atende alunos de Ensino Fundamental diurno e noturno.

A turma de nono ano, da Escola João Goulart, é formada por alunos que, embora também estejam em um bairro de periferia, da cidade de Gravataí (Morada do Vale I), grande parte são de classe média; oriundos de famílias mais engajadas na escola.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Aires de Almeida foi fundada no ano de 1978. Ela atende alunos do 1º ao 9º ano, nos turnos da manhã, tarde e noite. Trabalha com Educação de Jovens e Adultos (EJA). A realidade que permeia essa escola consiste em estar situada em um bairro sob influência da drogadição e do descaso familiar.

A realidade do Ensino de Jovens e Adultos se divide em dois grupos: um grupo é constituído por pessoas mais velhas, que pararam de estudar por circunstâncias da vida e que são, em virtude disso, mais interessadas nas aulas e em recuperar o tempo perdido; e o outro grupo, de jovens de 15 a 18 anos que, com a flexibilização da lei (que permitiu a entrada na EJA a partir dos 15 anos), ingressaram nessa modalidade de Ensino ofertada no período noturno. Dentre o grupo de jovens, nem todos trabalham.

Figura 1: Mapa de Localização e Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Aires de Almeida



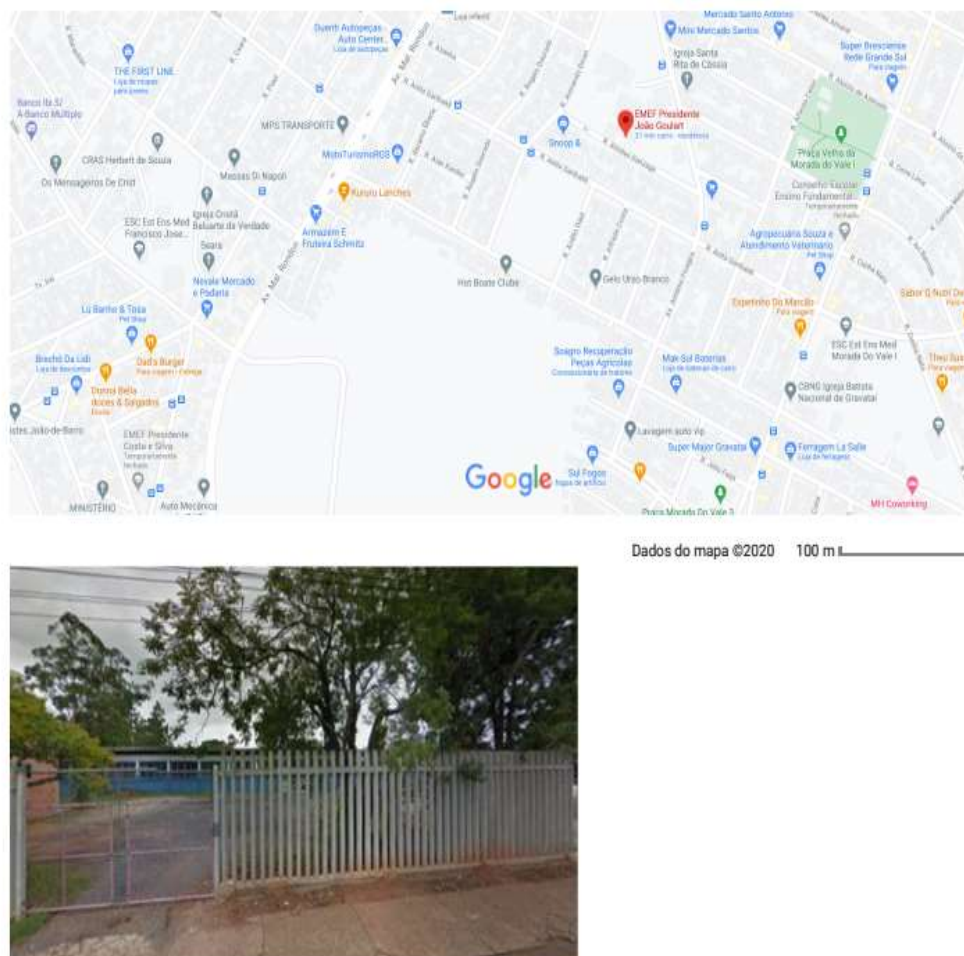
Dados do mapa ©2020 100 m



EMEF Antônio Aires de Almeida

Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/AhQB6UiM1V6om4p1A>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

Figura 1: Mapa de Localização e Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart



### EMEF Presidente João Goulart

Fonte: Google Maps. Disponível em: <https://goo.gl/maps/fZo2k8ALY7BRW6Ju6>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

A intenção da oficina foi promover o contato dos jovens com esses objetos que remetem à um passado recente de nossa História, proporcionando o contato concreto com esse passado:

Como professores, é importante que problematizemos a música como produto cultural, ávida para ser consumida dentro das regras do mercado. Podemos trazer, para o debate, questões como a vinculação da música, o local onde inicialmente ela circulou e a forma como o mercado a incorporou (MORAES,2000, p. 67).

De acordo com Verena Albert: “Observa-se que estamos no terreno das memórias em disputa, que tem na escola um de seus palcos políticos talvez mais evidentes” (ALBERT, 2014, p.02).

Tendo em vista a declaração de Albert (2014), segundo o qual “observa-se

que estamos no terreno das memórias em disputa, que tem na escola um de seus palcos políticos talvez mais evidentes” (ALBERT, 2014, p.02), e revisitando os fatos históricos sobre a segunda guerra mundial, a guerra fria, a segregação racial nos EUA e a eclosão do fenômeno do rock, foi construída esta pesquisa e planejada a oficina.

A partir desse contexto, com a utilização da música como objeto de estudo, foi traçado um paralelo entre os movimentos culturais e os acontecimentos históricos.

#### **4. “I DID MY WAY...”: PROCESSO METODOLÓGICO PARA OBTENÇÃO DO PRODUTO**

Para a realização do estudo foi proporcionado aos alunos das escolas públicas de Gravataí – EMEF Antonio Aires de Almeida e EMEF Presidente Joao Goulart –, uma Oficina de imersão na década de 50.

Nessa oficina objetos de época como discos, roupas e acessórios, bem como imagens, propagandas e trechos de filmes, foram expostos, para promover uma aproximação desse passado, explorando as suas particularidades de forma dinâmica e lúdica.

A oficina foi oferecida aos alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) das Etapas VIII e IX de duas Escolas públicas do município de Gravataí, Rio Grande do Sul, após uma breve abordagem sobre o período referente à Guerra Fria. A partir disso, os alunos reconstruíram uma relação com esse passado, respondendo a um questionário (Anexo I) que os fizeram analisar aspectos da juventude cinquentista e da atual.

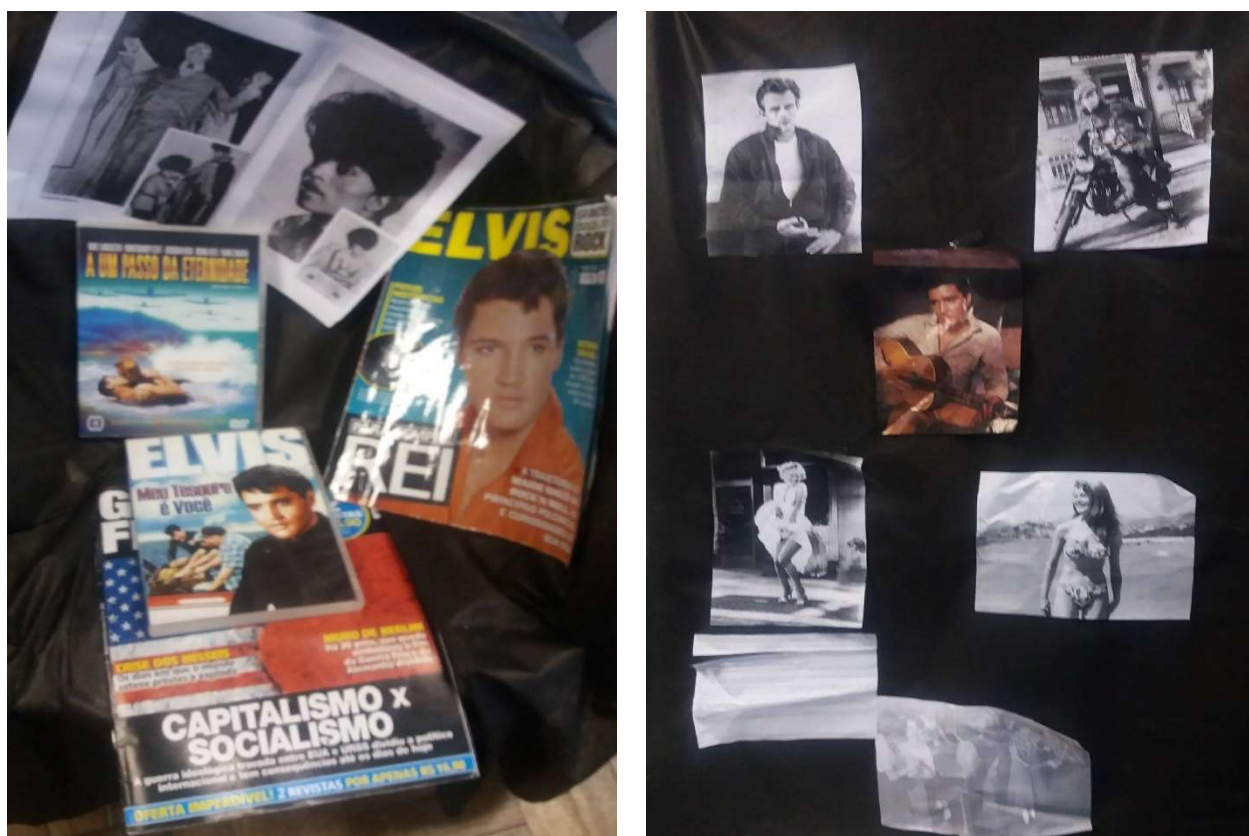
Os alunos entraram na sala de aula organizada pela professora com cortinas feitas de TNT com imagens e tópicos sobre o ROCK e a Guerra Fria. Algumas pessoas consideradas ícones na década de 50 foram selecionadas para essa imersão: Elvis Presley, Little Richard, Marlon Brando, Brigitte Bardot, Marilyn Monroe. Além disso, alguns objetos de uso pessoal da professora foram levados para essa imersão, como box de DVD ELVIS Special Edition, DVD's de filmes como “Meu tesouro é você” de Elvis Presley e “A um passo da Eternidade” (cuja cena do beijo no mar foi a primeira de um casal no cinema), placa de uma Pinup e um carro antigo, roupas e acessórios em estilo retrô, utilizadas pela professora em eventos e desfiles, miniatura de boneco Elvis Presley, bolachas de chopp do evento “Elvis Day” ocorrido em Porto Alegre, etc.

Figura 1: Fotos da Oficina na EMEF Antonio Aires de Almeida



Fonte: Acervo da autora. 11 de novembro de 2019.Gravataí/RS

Figura 1: Fotos da Oficina na EMEF João Goulart



Fonte: Acervo da autora. 11 de novembro de 2019.Gravataí/RS

Para iniciar a oficina foi explicado aos alunos a dinâmica do Projeto de pesquisa; após o primeiro contato dos estudantes com os objetos, foi explicado a eles que o trabalho estava focado na Guerra Fria e as consequências desta na cultura. Mas apenas no recorte da década de 50; devido ao fato da Guerra Fria ser um assunto muito amplo e, podendo dar margem à interpretação de que faltaria conteúdo, visto que haveriam muitos outros assuntos a serem abordados.

Após esse esclarecimento, os alunos assistiram um vídeo de 6 minutos e 49 segundos intitulado: “Foi uma mulher negra que inventou o rock: Roseta Tharpe”. O vídeo iniciou causando grande impacto de informação sobre os alunos, pois, entre aqueles que conheciam os ídolos da década de 50, a imagem mentalizada representante do rock era a de um homem ou de um grupo de homens brancos.

Na sequência, foi apresentado o vídeo: “Little Richard Long Tall Sally – Tutti Frutti” com uma apresentação de Little Richard ao piano, num programa de televisão. As reações dos alunos no momento do vídeo foram muito impressionantes pelo fato de a performance deste artista ser diferenciada e impactante.

Esses aspectos se referem à inserção de diversos objetos capitalistas para o consumo dos jovens: desde o jeans, a jaqueta de couro (vestimenta) até a introdução da produção da indústria de discos de vinil, indústria automobilística e o comportamento musical contestador através do rock (considerado subversivo na época). Para tanto, precisaram compreender o contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e como se estabeleceu a Guerra Fria, através de uma aula expositiva/dialogada.

Munidos dessas informações e construindo sua percepção sobre a juventude cinquentista, os alunos analisaram através do questionário e de uma roda de conversa as possíveis relações entre as diferentes décadas.

A análise dos resultados se deu através do levantamento das respostas do questionário aplicado e do debate entre os estudantes, a partir de suas respostas, sendo traçado, com o auxílio da professora/interlocutora, uma relação entre a reconstrução dos ideais dos jovens da década de cinquenta e dos jovens da atualidade. A partir da análise, das respostas dos questionários foi realizada uma análise Qui-quadrado<sup>17</sup>, entre o gênero e idade dos participantes, com as respostas obtidas, sob a finalidade de verificar um perfil cultural e ideológico do público envolvido, com o auxílio do programa Systat 11.

---

<sup>17</sup> Este teste será explicado – detalhadamente – na análise dos dados.



## **5. “LUCILLE”: ANÁLISE DOS DADOS**

Para verificar se havia algum perfil identificável na possibilidade de associação entre a matéria, a utilização do rock como base para o desenvolvimento do conteúdo, e ainda se a composição das turmas influenciaria na assimilação do conteúdo, foi realizada uma tabela onde cada aluno foi representado por um número, ao lado de cada número foi colocado o ano em que ele estuda, depois o gênero e posteriormente as respostas das questões em forma de categorias (Anexo III). Após a tabulação das respostas, foi aplicado o teste Qui-quadrado no programa estatístico Systat 11. O teste Qui-Quadrado é um teste de hipóteses que se destina a encontrar um valor da dispersão para duas variáveis categóricas nominais e avaliar a associação existente entre variáveis qualitativas. É um teste não paramétrico, ou seja, não depende de parâmetros populacionais (média e variância). O princípio básico deste teste é comparar proporções, ou seja, possíveis divergências entre as frequências observadas e esperadas para um certo evento. Onde pode ser verificado se havia probabilidade das respostas serem significativamente diferentes em cada turma, entre os gêneros, ou ainda, variar significativamente entre alunos com estilos musicais distintos.

Diante do contexto político atual no Brasil e no mundo, com o avanço de políticos totalitaristas, faz-se necessário que nossos alunos se apropriem do conhecimento que a cultura também é influenciada pela política, ou seja, pelos fatos que ocorrem no momento. Para que isso possa ser possível, é necessário que se reconheça minimamente um perfil entre os estudantes que são capazes de relacionar a história à realidade.

A importância dessa pesquisa pode ser provada através da proliferação de movimentos de extrema direita, inclusive aqui no Brasil, onde ainda há uma horda de preconceituosos “saindo do armário”.

### **5.1. “AMAZING GRACE”: RESULTADOS**

Em um primeiro momento, na turma de 9<sup>a</sup> ano, onde não leciono, foi aguardado o momento correto de abordar, visto que os alunos já estavam estudando a Guerra Fria e suas consequências.

Dos 20 alunos que participaram da Oficina na escola Joao Goulart, 18 já

conheciam Elvis Presley através de parentes ou dos meios de comunicação, o que é inusitado para a realidade da maioria dos jovens de periferia. Além disso, também acharam semelhanças entre a juventude da época e a juventude atual, posto que, foi destacado no questionário a rebeldia e a oposição aos pais de ambas gerações.

A análise dos questionários torna-se muito interessante ao perceber que na escola Antônio Aires de Almeida, onde leciono para todas as etapas finais do EJA, as respostas dos questionários foram muito diferentes. Nessa escola, foi trabalhado com 14 alunos, sendo um deles com necessidades educacionais especiais. Dentre eles, apenas um afirmou ouvir Rock entre outros estilos, sendo os mais citados Funk, Sertanejo e Pagode. Além disso, nessa turma apenas quatro jovens acreditam haver semelhanças entre a juventude atual e a dos anos 50.

Na turma 8 desta escola, que encontra-se na última Etapa do Ensino Fundamental, estava sendo trabalhada a Guerra Fria e suas consequências e, mesmo assim, não souberam identificar de acordo com o esperado as relações do conteúdo com a cultura do Rock. No entanto, nesta realidade conseguiu-se absorver as questões étnico-raciais que envolvem a origem do Rock. Em um dos questionários foi abordado o fato de como foi importante aprender sobre a essencialidade da cultura negra para o rock.

A turma de 9ª ano é formada por alunos que, embora também estejam em um bairro de periferia da cidade de Gravataí (Morada do Vale I), grande parte desses alunos são de classe média, oriundos de famílias mais engajadas na escola. Ao posto que, a turma da EJA, da Etapa VIII, da escola Antônio Aires de Almeida, localiza-se em um contexto desprovido de engajamento da família na escola, na sua maioria. As respostas aos questionamentos aplicados foram bem diferentes entre as escolas.

A intenção era promover o contato dos jovens com esses objetos que remetem à um passado recente de nossa História, proporcionando o contato concreto com esse passado.

Como professores, é importante que problematizemos a música como produto cultural, ávida para ser consumida dentro das regras do mercado. Podemos trazer, para o debate, questões como a vinculação da música, o local onde inicialmente ela circulou e a forma como o mercado a incorporou (MORAES, 2000, p. 67).

Os alunos tiveram uma reação de espanto ao ingressar na sala em ambas as

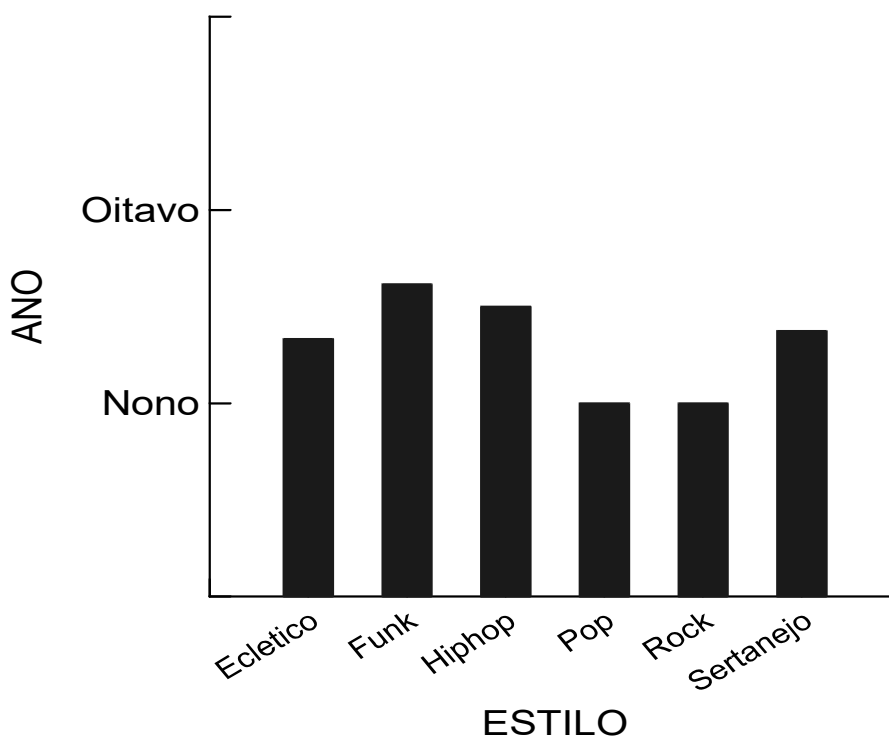
turmas. Mostraram-se, em sua maioria, bem interessados.

A turma de 9ª ano questionou muito mais, fez afirmações muito contundentes como, por exemplo: “Elvis parecia um louco quando dançava”; “Nossa, como o Little Richard era feio, agora entendo por que não se tornou o Rei...”; “Por que as gurias gritavam tanto quando viam Elvis?”; “Como eram tosco os programas daquela época.”; “Bah, nunca imaginei que a Guerra Fria tinha relação com o Rock”...

Embora a oficina não tenha se concretizado da maneira planejada inicialmente, devido à questões de espaço nas escolas, o resultado das reflexões foram maiores que o esperado.

Quando foi analisado se a diferença entre os anos interferia no estilo musical, verificamos que não houve diferença significativa (Qui-quadrado,  $p=0,198$ ), Gráfico 1.

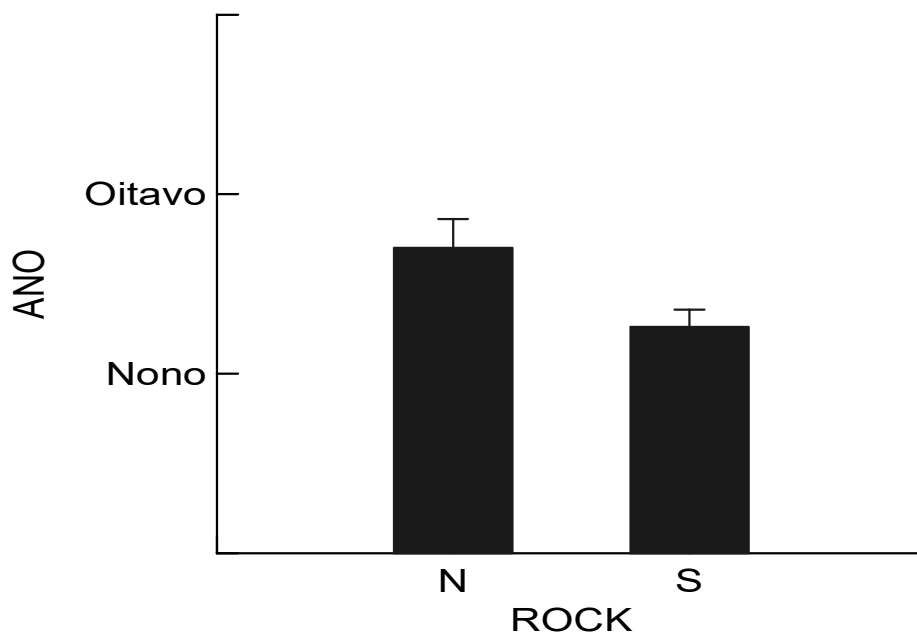
Gráfico 1: Gráfico que representa os estilos mais escutados pelos diferentes anos.



Fonte: Programa SYSTAT 11

Quando verificamos se havia diferença significativa no número de alunos que conheciam rock entre os anos, verificamos que sim, os alunos do 9ª ano conhecem bem mais (Qui-quadrado  $p=0.018$ ), gráfico 2.

Gráfico 1: Gráfico que representa os estilos mais escutados pelos diferentes anos.

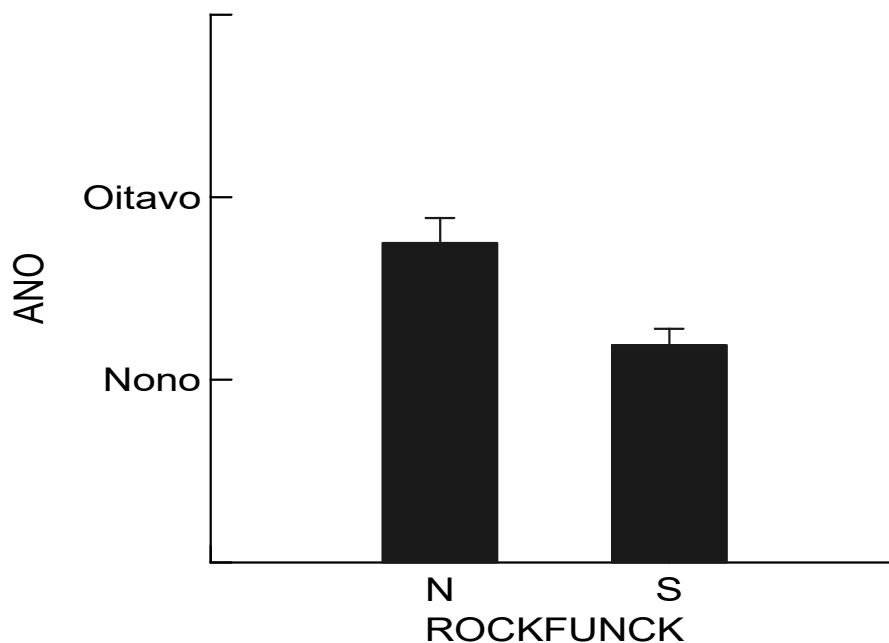


Fonte: Programa SYSTAT 11

Quando verificamos se houve diferença significativa entre a frequência de alunos que acharam que a oficina agregou no conhecimento, não encontramos diferença significativa, sendo que 82% dos alunos disseram que a oficina foi importante.

Ao analisarmos se os alunos encontravam semelhança entre o rock e o funk, pela percepção dos diferentes anos, foi encontrada diferença significativa (Qui-quadrado,  $p=0,002$ ). Sendo que a percepção de que havia semelhança entre os gêneros foi maior nos 9<sup>a</sup> anos.

Gráfico 1: Gráfico que representa a possibilidade de verificar semelhanças entre rock e o funk pelas as turmas analisadas.

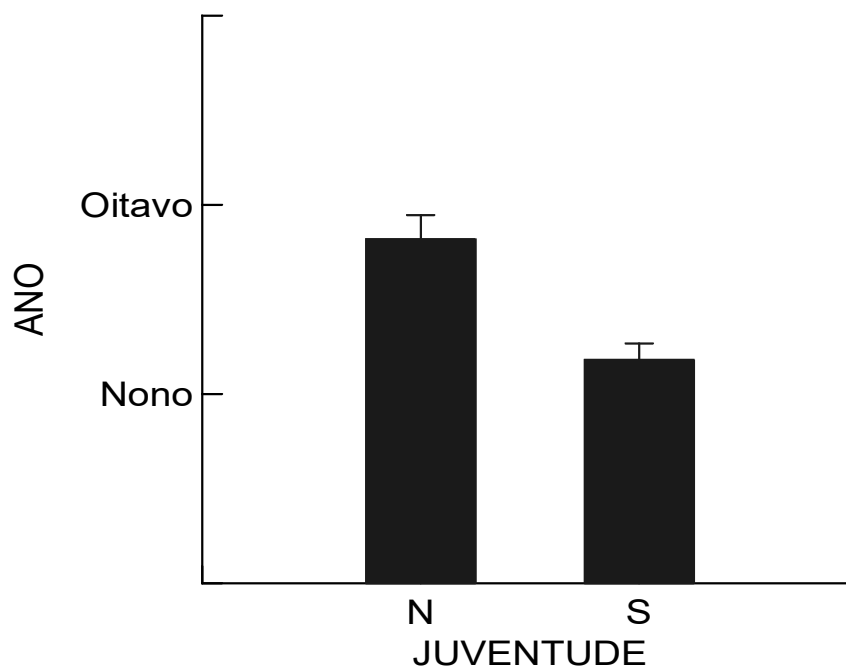


Fonte: Programa SYSTAT 11

Quando analisamos se os alunos conseguiram entender melhor o conteúdo da Guerra Fria com a oficina, não foi encontrada diferença significativa, sendo que 90% dos alunos disseram que sim.

Quando analisamos se os alunos conseguiam perceber relação entre a juventude dos anos 50 com a juventude atual, encontramos diferença significativa entre os anos (Qui-quadrado,  $p=0,000$ ), sendo que a maior parte dos alunos que conseguiam fazer essa associação pertencem ao 9<sup>a</sup> ano.

Gráfico 1: Gráfico que representa a possibilidade de associação pelos alunos das diferentes turmas, das juventudes dos anos 50 e atual.



Fonte: Programa SYSTAT 11

Quando passamos a analisar se os gêneros dos alunos eram determinantes para encontrarmos diferenças no estilo musical, se conheciam rock, Elvis Presley e Little Richard, se acharam que a oficina agregou, se encontravam semelhança entre o rock e o funk, se a oficina agregou para o entendimento do conteúdo da Guerra Fria e na semelhança entre as juventudes da década de 50 e a juventude atual, para nenhuma dessas questões encontramos relação significativa, ou seja, as respostas independem do sexo feminino e masculino.

Também não encontramos relação entre o estilo musical entre as respostas dadas.

## 5.2. "THE GIRL CAN'T HELP IT ...": DISCUSSÃO

Uma das possibilidades para que as turmas de 9ª ano, mesmo sendo de periferia, terem demonstrado maior possibilidade de associação entre o conteúdo e a oficina oferecida, principalmente o conhecimento prévio de Elvis Presley, estava relacionado à idade dos alunos, o que foi comprovado através da análise estatística. Sendo esses alunos mais velhos, verificamos que mesmo sem muitos recursos eles estiveram muito mais expostos a movimentos políticos/culturais do que os alunos da etapa VIII que são mais jovens, pois:

As vivências do tempo e espaço, na sociedade do século XXI, e as formas de narração do eu e do outro são pensadas a partir da psicologia da aprendizagem, que reflete sobre as explicações e o raciocínio das pessoas quando enfrentam problemas históricos, buscando oferecer subsídios para as novas práticas do saber histórico escolar (BARBOS; ALPHEN, 2013, p. 1).

(...)

A música faz parte do cotidiano das pessoas. Ela movimenta o corpo, mas, também, movimenta idéias, é carregada de imagens, de símbolos que podemos extrair e proporcionar discussões educativas para a aprendizagem escolar. É nesse sentido também que se justifica a pesquisa. Como a música interfere nesse processo de aprendizagem? Como ela pode auxiliar na prática docente? Como transformar aquilo que se resumiria, a princípio, em uma simples mensagem musical em um instrumento didático, passível de ser utilizado em sala e facilitar a compreensão dos alunos? (SILVA; MENDES, 2012, p.2)

Assim, também possuem um leque maior de vivências intuitivas, com as quais podem associar com maior facilidade o passado e o presente.

Embora não tenha sido verificada diferença significativa entre os estilos musicais dos alunos, de ambas as escolas, e suas capacidades de associação entre as diferentes décadas, verificamos que os alunos da etapa IX foram os que, mesmo preferindo sertanejo e funk, como os alunos da etapa VIII, ouviam também rock e pop, não sendo tão restritos a um único estilo musical; logo assim como já era sugerido por Sanches:

A música foi, é e sempre será parte constituinte da cultura humana. Seja na guerra, nos ritos religiosos, na composição épica, nas festas comemorativas ou na educação. [...] sempre consideraram a música como essencial no processo de aprendizagem e entendimento do mundo. [...] O ponto mais importante dessa atividade é saber que tipo de melodia, ritmo e letra, tocarão mais diretamente a realidade do aluno (SANCHES; FERNANDES, 2014, p. 6)

Mesmo não sendo possível a interpretação das músicas propostas na oficina, pois a tradução não era o foco da oficina, nem a interpretação da letra, logo no início da imersão os alunos conseguiram fazer suas associações com as imagens, vestimentas e forma de dançar, pois torna-se cada vez mais explícita a observação de que os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação/expressão. É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas... Sendo quase que instantânea a percepção dos alunos de hoje, com a necessidade de manifestação dos jovens da década de 50.

## 6. “Thats All”: Considerações Finais

A pesquisa possibilitou o trabalho com uma gama de conceitos que poderiam ter sido desenvolvidos com maior qualidade se a oficina pudesse ocorrer em uma sequência maior de dias. Além disso, as questões suscitadas a partir da quarentena renderiam debates mais profundos e produtivos, se fosse possível a aplicação de uma nova oficina presencialmente.

A importância das questões raciais vieram à tona, principalmente nos Estados Unidos, devido ao caso de assassinato de George Floyd. Esse fato corrobora com o debate desta pesquisa, pois o racismo da década de 50, que influenciou até mesmo a questão da música, no que se refere ao Rock, continua vivo em alguns casos bem explícitos, como este que veio à tona, através da mídia. É importante para o aluno, perceber no dia a dia, acompanhando o noticiário, que o conhecimento adquirido na Oficina é presente e deve ser posto em pauta, fugindo do tradicional ensino eurocentrista, pautado nos métodos tradicionais.

Neste trabalho foi possível verificar que a utilização da música aproxima os alunos ao conteúdo. Também verificamos que a idade influencia na capacidade de associação entre os eventos políticos/sociais, pois há uma “vivência” maior para averiguar que os eventos se correlacionam em diversos momentos da história.

O estilo musical não influencia na capacidade de associação do conteúdo pelos alunos, embora os alunos, que possuem gosto musical mais eclético, tenham um conhecimento maior da indumentária e dos personagens apresentados.

A música, como objeto e fonte de pesquisa, mostrou-se eficaz, no que se refere aos objetivos propostos, visto que a música é uma forma de perceber o mundo e que o estilo do Rock cinquentista não foi imposto, mas inserido com a finalidade de atingir um dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural. Nesse sentido, a aproximação com o Funk (estilo presente entre os jovens na escola) foi eficiente, no que se refere ao contexto, mesmo que anacrônico, dos estilos.

O resultado das oficinas apontam para uma necessidade de modificarmos a nossa didática, promovendo ações em sala de aula, com vistas à dinamização do ensino e a vivência do mesmo. O presentismo utilizado nesta pesquisa pôde ser percebido no decorrer dos acontecimentos, ao longo de 2020, onde o cenário



mundial de Pandemia contribui fortemente para uma sensação de ausência de futuro, ou perspectiva para o futuro, exatamente como ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945 quando a Europa estava devastada e procurava se reerguer em todos os sentidos.

Atualmente estão em voga discursos na mídia a respeito de um novo modo de viver, mas que novo é esse? Um “novo” que afeta nossos direitos garantidos pela Constituição, de ir e vir, um “novo” que gera insegurança de que os governos possam sair do modo democrático, aproveitando-se da oportunidade que surge em meio a pandemia. Ou seja, muitas dessas inseguranças foram vividas no momento de pós Segunda Guerra Mundial e podemos experimentar essas sensações de incerteza na atualidade.

Devemos ficar atentos aos cuidados necessários à Pandemia e também ao que existe pelas entrelinhas dessa crise mundial. Para isso, devemos auxiliar na construção de um senso crítico, apurado em nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Jun. O rock'n'roll, o rock e os negros. Revista: **Omenelick**: maio de 2019. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/o-rocknroll-o-rock-e-os-negros>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020
- ALVES, Luís Alberto Marques. O Estado da História – o Ensino. In: **Revista da Faculdade de Letras – História**. Porto, III Série, vol. 2, 2001.
- ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. In: Periodico **Em Questao**. v. 13, n. 1 (2007). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/1997/1093>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020
- BARROSO, Véra Lucia et al. (orgs.). **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: EST, 2010.
- BARTON, Keith C., "**Did the Evil Just Run Out of Justice? Historical Perspective Taking Among Elementary Students**" paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, New York, 1996.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista **Sociedade e Estado**. V. 31, N. 1. Janeiro/Abril 2016.
- CERRI, Luiz. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. Revista de **História Regional**. 15(2), Inverno, 2010, p. 264-278.
- CETOLLIN, Franciele. **Musicando a História e Historiando a Música em Escolas de Caxias do Sul** (2008-2014). Aedos, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 164-183, Jul. 2015.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CORONIL, Fernando. Elephants in the Americas? Latin American post-colonial studies and global decolonization. In: MORAÑA, Mabel; DUSSEL, Enrique; JÁUREGUI, Carlos (Eds.). **Coloniality at large: Latin-American and postcolonial debate**, p. 396-416. Durham; London: Duke University Press, 2008.
- COSTA J. B., GROSGOQUEL R. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista **Sociedade e Estado** – V. 31 N.1, Janeiro/Abril 2016.
- DANCHIN, Sebastian. **Elvis Presley e a Revolução do Rock**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- DANTAS, Humberto (org.). **Cadernos Adenauer XVI** nº 1: Juventudes no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2015.
- Davis, Jr., O. L. In Pursuit of Historical Empathy, "in **Historical Empathy and Perspective Taking in the Social Studies**, ed. O. L. Davis, Elizabeth A. Yeager, and Stuart J. Foster (Lanham, MD: Rowman and Little field, 2001), 3.

DELGADO, Carolina Santamaría. El bambuco, los saberes mestizos y la academia: Un análisis histórico de la persistencia de la colonialidad en los estudios musicales latinoamericanos. *Latin American Music Review / Revista de Música Latino Americana*, Vol. 28, No. 1, pp. 1-23, 2007.

DOWNEY, Matthew T. "**Perspective Taking and Historical Thinking: Doing History in a Fifth-Grade Classroom**" paper presented at the annual meeting of the American Educational Research Association, San Francisco, 1995. Disponível em: <http://www.historyliteracy.com/wp-content/uploads/2015/11/Doing-History-in-a-Fifth-Grade-Classroom.pdf>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

DE LA FARE, Mónica; MACHADO, Frederico Viana; DE MOURA CARVALHO, Isabel Cristina. **Breve revisão sobre regulação da ética em pesquisa: subsídios para pensar a pesquisa em educação no Brasil**. *Práxis Educativa*, v. 9, n. 1, p. 247-283, 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, "Sérgio. Diálogos sobre o vivido: diálogos entre Sérgio Guimarães e Paulo Freire". **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 23, 2005.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: Uma História Social**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; MASSONE, Marisa Raquel (orgs). **Múltiplas vozes na formação de professores de História: experiências Brasil-Argentina**. Porto Alegre: EST Edições, 2018.

González, Juan Pablo; ROLLE, Claudio. Escuchando el pasado: hacia una historia social de la música popular. **Revista de História**, núm. 157, diciembre, 2007, pp. 31-54 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, p. 101-131. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HARTOG, François. Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente. **História da historiografia**, n.10, 2012, p. 351-371.

HARTOG, François. Entrevista: François Hartog. **Revista Brasileira História**, vol.35, n. 70. São Paulo July/Dec. 2015, p. 281-291.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (orgs.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História** *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.19 n.38 pg.125-138. 1999.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música: canção popular e conhecimento histórico**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000. p. 203-221. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2987.pdf>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil**. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.13, p.117-133, jul-dez. 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A historiografia da música popular brasileira (1970-1990). Síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica. *ArtCultura*, Uberlândia, v.8, n.13, p. 135-150, jul -dez. 2006.

PENNA, Camila. 2014. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial Latino-americana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. V.8 n.2. p. 181-199, 2014.

PEREIRA & ARAÚJO. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270-297, jan./dez. 2016. Disponível em: [https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/23/13\\_Pereira.Mateus\\_Araujo.Valdei\\_ReconfiguracoesTempo\\_pags270a297.pdf](https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/23/13_Pereira.Mateus_Araujo.Valdei_ReconfiguracoesTempo_pags270a297.pdf). Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

PEREIRA, Mateus e MATA, Sergio da. Introdução. In: **Tempo Presente & Usos do Passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

PEREIRA, Mateus H. F. **A história do tempo presente: do futurismo ao presentismo?** *Humanidades*. Brasília, v.58, p.56-65, 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História e Resistência: Notas sobre uma História Menor. **Revista Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, vol. 5 n.10, jan-abr, 2017.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História, dever de memória e os temas sensíveis**. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/download/3955/3709>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

PINTO, Michele de Lavra & PACHECO, Janie K. (orgs). **Juventude, consumo e educação 3: uma perspectiva plural**, Porto Alegre: ESPM,2011.

PORTINARI, Denise e COUTINHO, Fernanda Ribeiro. A roupa faz o homem in: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.9, n.1,p.247-283,jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. **Revista da Abem**, Londrina, v.25, n.39, p. 132-159, jul. dez. 2017.

RAMALHO, Walderez, S. C. O presentismo e a realidade brasileira em perspectiva. **Hist. Historiogr.** Ouro Preto. N14. Abril, 2014, p: 148-154. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/656>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

RODRIGUES, Henrique Estrada. **Comentários aos textos do INTH (mimeo)**, 2016.

SANCHES, Raphael Lugo, FERNANDES, Saulo Conde. **O ensino de história para adolescente: a utilização dos meios alternativos e audiovisuais nas aulas.** [http://www.nre.seed.pr.gov.br/assischateaubriand/arquivos/File/Texto\\_sanches\\_e\\_fernandes\\_ensino\\_historia\\_para\\_adolescentes.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/assischateaubriand/arquivos/File/Texto_sanches_e_fernandes_ensino_historia_para_adolescentes.pdf). Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

SETTON, Maria das Graças Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.20, p.60-70, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2005

SILVA, Emiliane Maria Holanda; MENDES, Marcia Cristiane Ferreira. **Educação e pesquisa: a música como suporte pedagógico na disciplina de História na Escola Estadual Professor Paulo Pinheiro Viveiros.** IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil” [on line] ISBN 978-85-7745-551 <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-05-09/morre-little-richard-grande-pioneiro-do-rock-n-roll.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

SOUSA, R. G. **Nas trilhas dos rock: experimentalismo e mercado musical.** Goiânia: Kelps, 2018, p. 246

TOSCHES, Nick. **Criaturas Flamenjantes.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In.: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro: documento eletrônico, 2009.

WHITE. Charles. **A vida e a época de Little Richard.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

YILMAZ, Kaya. **Historical Empathy and Its Implications for Classroom Practices in Schools,** 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/21973333/Historical\\_empathy\\_and\\_its\\_implications\\_for\\_classroom\\_practices\\_in\\_schools](https://www.academia.edu/21973333/Historical_empathy_and_its_implications_for_classroom_practices_in_schools)

## ANEXOS

### Anexo 1: Questionário

Responda as perguntas:

1- Qual estilo de música você costuma ouvir?

---

---

---

---

---

2- Você já tinha ouvido rock anos 50? Onde? Qual banda e/ou artista?

---

---

---

---

---

3- Você já conhecia Elvis Presley ou Little Richard? Como ouviu pela primeira vez?

---

---

---

4- O que esta oficina agregou no seu conhecimento? Explique qual foi a importância desta oficina.

---

---

---

---

---

5- Você percebe alguma aproximação do Rock com o Funk? De que forma?

---

---

---

---

---

- 6- O que você achou da utilização da imagem de Elvis Presley na Guerra Fria? Considera que esse fator tenha contribuído para o convencimento dos adolescentes da época?

---

---

---

---

---

- 7- Conseguiu compreender através desta oficina a dinâmica da Guerra Fria? Explique.

---

---

---

---

---

- 8- Você acredita haver alguma semelhança da juventude dos anos 50 com a juventude atua? Por quê?

---

---

---

---

---

## Anexo 3: Questionários respondidos

3- Você já conhecia Elvis Presley ou Little Richard? Como ouviu pela primeira vez?

Minha mãe escuta muito até hoje,  
e ele ainda escuta vinil.

4- O que esta oficina agregou no seu conhecimento? Explique qual foi a importância desta oficina.

Na verdade já conhecia o rock desde  
pequena. Mas me fez lembrar dos tempos  
que eu era pequena e ainda morava com minha  
escutava Rock.

5- Você percebe alguma aproximação do Rock com o Funk? De que forma?

No tempo antigo o Rock era proibido pelos  
pais, e hoje em dia é a mesma coisa  
pois proibem os filhos de escutar Funk.



2- Você já tinha ouvido rock anos 50? Onde? Qual banda e/ou artista?

SIM, PELA INTERNET E PELO RÁDIO COM MEU PAI, ELVIS,  
LITTLE RICHARD.

3- Você já conhecia Elvis Presley ou Little Richard? Como ouviu pela primeira vez?

SIM, ELVIS EU CREDEI OUVINDO, LITTLE RICHARD E ESCUTEI  
RECENTEMENTE.

4- O que esta oficina agregou no seu conhecimento? Explique qual foi a importância desta oficina.

ACHEI A OFICINA EXTREMAMENTE INTERESSANTE E CATIVANTE,  
COMO EU SOU COMPLETAMENTE APAIXUNADO POR MÚSICAS  
"VELHAS", ACHEI ESTA OFICINA, PRINCIPALMENTE POR ABOR-  
DAR ESSE TEMA TÃO "ESQUECIDO" PELA GERAÇÃO ATUAL.

6- O que você achou da utilização da imagem de Elvis Presley na Guerra Fria? Considera que esse fator tenha contribuído para o convencimento dos adolescentes da época?

Achei ótimo porque ele era o "Jock" e  
 como eu disse ali, vez de fazenda assim  
 que: 1- AJUDARIA NA GUERRA E 2- O ASTRO POP. influenciava  
 muito, (como o BPI EXÉRCITO)

7- Conseguiu compreender através desta oficina a dinâmica da Guerra Fria? Explique

Eu entendi que esses grandes países mais  
 que faziam coisas "normais" pl influenciava outras  
 pessoas e isso por isso porque que eles eram os  
 tops do mundo. Não sei como explicar, porém isso  
 ajudava muito na imagem de país.

8- Você acredita haver alguma semelhança da juventude dos anos 50 com a juventude atual? Porque?

Acredito porque as duas juventudes são  
 além de machos, algo que está além da  
 visão das pessoas.  
 São mais independentes e lutam mais pelo  
 que querem.

5- Você percebe alguma aproximação do Rock com o Funk? De que forma?  
SIM, OS DOIS ESTILOS QUANDO "ESTOURARAM"  
FORAM REVOLUCIONÁRIOS E TIVERAM MUITAS  
CRÍTICAS.

6- O que você achou da utilização da imagem de Elvis Presley na Guerra Fria? Considera que esse fator tenha contribuído para o convencimento dos adolescentes da época?  
ACHEI IMPORTANTE E ACHO QUE CONTRI-  
BUIU BASTANTE.

7- Conseguiu compreender através desta oficina a dinâmica da Guerra Fria? Explique  
SIM, ERA UMA GUERRA DE IDEOLOGIAS QUE  
UTILIZAVAM MUITO DA PROPAGANDA COMO UM  
RECURSO.

Fonte: Questionários respondidos pelos alunos

Anexo 4: Tabela de análise de dados.

Tabela I: Respostas dos alunos de 1ª a 5ª e 7ª e 8ª.

Questionário	Ano	Gênero	1-Estilo Musical	2-Conhece Rock	2a-Quem?	3-Elvis	3a-Little	4-Oficina	5-Rock funk	7-Oficina Guerra Fria	8-Juventudes
1	Oitavo	M	Ecletico	S	EP/Bt/RS	S	N	S	N	S	S
2	Oitavo	F	Sertanejo	S	RS	S	N	S	N	S	N
3	Oitavo	M	Funk	S	Ep	S	N	S	N	S	N
4	Oitavo	F	Funk	N	N	S	N	S	N	S	N
5	Oitavo	F	Sertanejo	S	EP	S	N	S	S	S	S
6	Oitavo	M	Funk	N	N	S	N	S	N	S	N
7	Oitavo	F	Sertanejo	N	N	N	N	S	N	N	S
8	Oitavo	F	Hiphop	N	N	N	N	S	N	S	N
9	Oitavo	M	Funk	N	N	S	N	S	S	S	N
10	Oitavo	M	Funk	S	EP/Bt/RS	S	N	S	N	S	S
11	Oitavo	M	Funk	N	N	S	N	N	S	S	N
12	Oitavo	M	Funk	N	N	S	N	S	N	N	N
13	Oitavo	M	Funk	S	N	S	N	S	S	N	N
14	Nono	M	Rock	S	EP/Bt/RS/LR	S	S	S	S	S	S
15	Nono	M	Rock	S	EP	S	N	S	S	S	S
16	Nono	F	Rock	S	EP	S	S	S	S	S	S
17	Nono	F	Rock	S	N	S	N	S	S	S	N
18	Nono	F	Pop	N	N	N	N	N	N	S	S
19	Nono	F	Funk	S	EP	S	N	S	S	S	S
20	Nono	M	Ecletico	S	EP	S	N	S	S	S	S
21	Nono	M	Ecletico	S	N	S	N	S	N	N	N
22	Nono	F	Funk	S	EP	S	N	S	S	S	S
23	Nono	F	Funk	S	EP	S	N	S	S	S	S
24	Nono	M	Funk	S	EP	S	N	S	S	N	S
25	Nono	M	Sertanejo	S	EP	S	N	S	S	S	S
26	Nono	F	Pop	S	EP	S	N	S	S	N	S
27	Nono	F	Hiphop	S	N	S	N	S	S	S	S
28	Nono	M	Sertanejo	S	EP	S	N	S	S	N	S
29	Nono	F	Sertanejo	S	EP	S	N	S	S	N	S
30	Nono	M	Sertanejo	N	N	S	N	S	S	S	S
31	Nono	M	Funk	N	N	S	N	N	S	S	S
32	Nono	F	Sertanejo	S	EP	S	N	S	N	S	S
33	Nono	F	Pop	S	CamCap	S	N	S	S	S	S

Fonte: SYSTAT

### Legendas: Tabela I

#### Gênero:

Masculino = M;

Feminino = F;

#### Conhece Rock?

Sim= S;

Não= N;

#### Quem?

Elvis Presley = EP;

Beatles = BT;

Rolling Stones = RS;

Little Richard = LR;

The Cranberries= C;

Ouçã a Playlist em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLDPYUkw6J106Ld6JZTdGliZHI0LSA\\_idq](https://www.youtube.com/playlist?list=PLDPYUkw6J106Ld6JZTdGliZHI0LSA_idq)

- 1) **“Long Tall Sally”**
- 2) **Rip It Up**
- 3) **In the gueto**
- 4) **“Keep A-Knockin”**
- 5) **“Thats All Right Mama”**
- 6) **Jailhouse Rock**
- 7) **“Wooden Heart”**
- 8) **“A-wop-bop-a-loo-bop-a-wop-bam-boom”**
- 9) **“É som de preto,de favelado...”**
- 10) **Escola Proibida**
- 11) **“I did My Way...”**
- 12) **“Lucille...”**
- 13) **“Amazing Grace”**
- 14) **The Girl Cant Help It**
- 15) **Thats All**
- 16) **Welcome to My World**